

LUCAS CAZULA MARTINS

**Ciudad Kennedy e COHAB I:
lógicas espaciais e apropriação em conjuntos habitacionais tardomodernos**

Trabalho final de graduação apresentado à
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo como requisito para a
conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Luiz Recamán

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Ao professor Luiz Recamán, pela orientação atenciosa deste trabalho e pelas aulas enriquecedoras e instigantes ao longo destes anos de graduação.

Aos muitos professores que tive até aqui, por tantos ensinamentos.

Em especial aos professores e pesquisadores com quem pude dialogar durante o desenvolvimento deste trabalho, pela generosidade de compartilhar conhecimento e experiência.

A todos os funcionários da FAU USP, pela prestatividade e pela disponibilidade.

À cidade de São Paulo, pelos enigmas que movem esta busca.

À cidade de Bogotá, pela descoberta de um novo mundo tão próximo e tão distante.

Às inconfundíveis amizades que a FAU USP me deu, por tornarem esta caminhada tão rica.

Aos meus amigos de tantos anos, por crescerem junto comigo.

A quem eu possa ter me esquecido de mencionar, por perdoarem a falha da memória neste momento.

À minha família, pela motivação e inspiração.

Em especial aos meus avós, por seguirem comigo para sempre.

À Marta e ao Aurélio, por serem, desde o início, os pilares de tudo.

À Luiza e à Clara, pela alegria e força da juventude.

À Gabriela, por uma década de amor e apoio, desvendando comigo o que quer que venha a seguir.

RESUMO

Este trabalho busca analisar dois casos de conjuntos habitacionais modernos construídos na segunda metade do século XX nas periferias de duas metrópoles latinoamericanas: Ciudad Kennedy (Bogotá, Colômbia) e COHAB Itaquera I (São Paulo, Brasil). Realiza-se uma comparação entre os dois conjuntos, sob o ponto de vista dos seus contextos de produção, suas políticas habitacionais vigentes e seus projetos elaborados pelas equipes técnicas envolvidas. Esta pesquisa visa, por meio de comparação, levantar hipóteses sobre quais seriam os fatores internos e externos à disciplina da Arquitetura e Urbanismo envolvidos na determinação do projeto e seus resultados espaciais. Também são analisadas as dinâmicas de apropriação que transformaram os conjuntos ao longo das últimas décadas. Estas intervenções exploram as potencialidades sociais, superando limitações do espaço originalmente projetado e construído. A análise indica que as diferentes estratégias de projeto – arquitetura moderna colombiana e brasileira – respondem a tradições disciplinares bastante afastadas. Da mesma forma, as intervenções – em maior ou menor grau de espontaneidade – respondem também a diferentes modos de compreensão do espaço social pelas populações locais.

Palavras-chave: arquitetura moderna, conjuntos habitacionais, história da arquitetura, história da urbanização, América Latina.

RESUMEN

Este trabajo busca analizar dos casos de complejos de vivienda modernos construidos en la segunda mitad del siglo XX en las periferias de dos metrópolis latinoamericanas: Ciudad Kennedy (Bogotá, Colombia) y COHAB Itaquera I (São Paulo, Brasil). Se realiza una comparación entre los dos complejos, desde el punto de vista de sus contextos de producción, sus políticas de vivienda vigentes y sus proyectos desarrollados por los equipos técnicos envueltos. Esta investigación visa, por medio de comparación, suscitar hipótesis acerca de cuáles serían los factores internos y externos al campo de Arquitectura y Urbanismo envueltos en la determinación del proyecto y sus resultados espaciales. También son analizadas las dinámicas de apropiación que transformaron los complejos a lo largo de las últimas décadas. Estas intervenciones exploran las potencialidades sociales, superando

limitaciones del espacio originalmente diseñado y construido. El análisis indica que las distintas estrategias de diseño - arquitectura moderna colombiana y brasileña - responden a tradiciones disciplinares bastante alejadas. De la misma manera, las intervenciones - en más grande o más pequeño nivel de espontaneidad - responden también a diferentes modos de comprensión del espacio social por las poblaciones locales.

Palabras clave: arquitectura moderna, complejos de vivienda, historia de la arquitectura, historia de la urbanización, Latinoamérica.

ABSTRACT

This research looks for analyze two cases of modern housing complexes build at the last half of the 20th century at the suburbs of two latin-american metropolis: Ciudad Kennedy (Bogotá, Colombia) and COHAB Itaquera I (São Paulo, Brazil). It's made a comparison between both housing complexes, from the point of view of its contexts of production, the current housing policies and the projects developed by the involved technical teams. This research intends, by comparison, to hypothesize about what would be the internal and external disciplinary factors of Architecture and Urbanism involved in the project's determination and its spatial consequences. Are also analyzed the appropriation dynamics that transformed the housing complexes along the last decades. These interventions explore social potentialities, overcoming limitations of the originally designed and built space. The analysis suggests that the different design strategies - colombian and brazilian modern architecture - react to far apart disciplinary traditions. At the same way, the interventions - in a greater or lesser level of spontaneity - also react to different ways of spatial comprehension by the local people.

Key words: modern architecture, housing complexes, history of architecture, history of urbanization, Latin-america.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
PARTE 1: A POLÍTICA HABITACIONAL E A ARQUITETURA MODERNA	8
1.1. CONTEXTO LATINOAMERICANO	8
1.1.1. O CASO BRASILEIRO	11
1.1.2. O CASO COLOMBIANO	13
1.2. A COMPANHIA METROPOLITANA DE HABITAÇÃO DE SÃO PAULO (COHAB-SP)	16
1.2.1. “POPULAÇÃO COHABENSE”: O LEVANTAMENTO	17
1.3. O INSTITUTO DE CRÉDITO TERRITORIAL (ICT)	20
1.3.1. DEPARTAMENTO DE DISEÑO: UM DEBATE ARQUITETÔNICO	21
PARTE 2: O CONJUNTO MODERNO	25
2.1. COHAB ITAQUERA I - SÃO PAULO	26
2.2. CIUDAD KENNEDY - BOGOTÁ	49
PARTE 3: A VIDA COTIDIANA E O SENTIDO DAS TRANSFORMAÇÕES NA (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO	68
3.1. A COHAB I E SUAS TRANSFORMAÇÕES	69
3.2. CIUDAD KENNEDY E SUAS TRANSFORMAÇÕES	87
CONCLUSÃO - A ABERTURA DE HIPÓTESES E REFLEXÕES	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
LISTA DE FIGURAS	110

INTRODUÇÃO

A arquitetura moderna produziu, ao longo do século XX, inúmeros projetos urbanísticos e arquitetônicos de novos bairros e tipologias de edifícios, visando a racionalização da produção - desde a indústria até os canteiros de obras - e a construção de um “novo espaço” para o “novo homem” moderno. Na América Latina, como lugar periférico dentro do capitalismo internacional, o movimento moderno se desenvolveu com um caráter fortemente social, assumindo a intenção de modernizar a totalidade das estruturas socioeconômicas no continente, articulando-se intimamente com os Estados nacionais. Neste contexto, Brasil e Colômbia mobilizaram suas forças produtivas, sociais e políticas e criaram órgãos públicos - técnicos e burocráticos - especializados em urbanização, moradia popular e financiamento habitacional com a missão de superar o “atraso” socioeconômico em que se enxergavam, em relação às potências centrais do capitalismo, e suas consequências urbanas: déficit habitacional, moradia precária, vulnerabilidade socioambiental e urbanização irregular.

Tendo em vista tal cenário histórico, este trabalho busca comparar duas experiências de conjuntos urbanos modernos: Ciudad Kennedy (Bogotá, Colômbia) e COHAB Itaquera I (São Paulo, Brasil). O interesse pelos dois conjuntos parte de minhas experiências pessoais. O conjunto da COHAB I foi tanto uma presença urbana intensa no bairro de Artur Alvim, onde nasci e cresci, quanto uma personagem frequente na história familiar que aprendi com meus pais e avós, moradores do bairro há décadas. Ao longo dos meus estudos em Arquitetura e Urbanismo, a relevância pessoal do conjunto habitacional se converteu em interesse acadêmico pelos temas dos projetos urbanos, da habitação coletiva e da arquitetura moderna. Com a oportunidade de um intercâmbio acadêmico na cidade de Bogotá em 2021 - para estudar na Universidad de Los Andes - pude conhecer pessoalmente Ciudad Kennedy e ter contato com a abordagem disciplinar colombiana acerca dos temas mencionados. O paralelo contextual e espacial entre Ciudad Kennedy e Itaquera I, a partir de então, passou a suscitar questionamentos sobre quais fatores seriam responsáveis pelas intrigantes semelhanças entre as premissas dos projetos e, ao mesmo tempo, notáveis diferenças entre os resultados alcançados. Através do diálogo com professores e pesquisadores de ambos os países

e, sobretudo, com o professor orientador deste trabalho, pude estabelecer a abordagem e a metodologia adequadas para seguir com a investigação.

A comparação se faz pertinente pelas diversas semelhanças contextuais presentes entre ambos os casos. Ambas as sociedades, latinoamericanas, compartilham uma formação histórica similar, marcadas pelo passado de colonização e escravidão que teve como consequência injustiças e desigualdades sociais, bem como segregação socioespacial e problemáticas urbanas relacionadas à concentração de terra e de capital em elites econômicas conservadoras. Do ponto de vista do campo disciplinar da Arquitetura e do Urbanismo, os arquitetos colombianos e brasileiros passaram - em proximidade cronológica - a buscar na arquitetura moderna um caminho para superação do passado colonial e para a realização de uma atividade profissional engajada e relevante dentro de um processo de modernização nacional; o arquiteto franco-suíço Le Corbusier visita, nas primeiras décadas do século, ambos os países e participa intensamente da formação de ícones das arquiteturas nacionais, como Rogelio Salmona e Oscar Niemeyer. Em se tratando particularmente dos conjuntos estudados, os dois casos envolvem projetos urbanos de escala similarmente grandes - milhares de unidades habitacionais em terrenos de milhões de metros quadrados - em periferias de duas metrópoles em processos urbanos parecidos - acelerado crescimento urbano e populacional, combinado ao desenvolvimento econômico explosivo com base na indústria e no setor terciário. Ao longo do texto, serão discutidas a fundo as similaridades e diferenças, bem como as suas relevâncias para a compreensão dos projetos desenvolvidos e dos fenômenos urbanos gerados.

A estrutura do trabalho está dividida em três partes principais. Na primeira parte, são apresentadas as características gerais da política habitacional e o contexto de consolidação da arquitetura moderna nos dois países, dentro de um panorama histórico do século XX. A segunda parte do trabalho discute inicialmente o que representa o programa “conjunto habitacional popular” dentro da modernidade e na história da arquitetura moderna, e com base nesta discussão se atém a analisar ambos os projetos originalmente concebidos para Ciudad Kennedy e Itaquera I pelos arquitetos, urbanistas e outros profissionais dentro do ICT colombiano e da COHAB-SP. Por fim, tendo em vista as características, deficiências e potencialidades dos conjuntos construídos, a terceira parte se dispõe a observar

as reformas, acréscimos, reconfigurações e transformações gerais que os conjuntos sofreram por ação de seus ocupantes - enquanto indivíduos ou organizados de diversas formas -, tendo como base conceitual as críticas da arquitetura e do urbanismo modernos encontradas na literatura da historiografia.

PARTE 1: A POLÍTICA HABITACIONAL E A ARQUITETURA MODERNA

Os temas da Política Habitacional e da Arquitetura Moderna como um conceito dentro da historiografia são largamente estudados e debatidos no campo acadêmico da Arquitetura e do Urbanismo. Estão presentes também em outras áreas disciplinares, em especial nas ciências humanas e na economia. Somando-se a grande recorrência do tema ao seu papel auxiliar – como plano de fundo, e não como tema central – neste trabalho, cujo enfoque são os dois conjuntos habitacionais construídos em sua espacialidade, materialidade e contexto, é necessário deixar claro que não serão tratados aqui extensamente. Serão introduzidos na medida em que se tornarem importantes para a compreensão do tema central desta pesquisa, ao compor um cenário geral que envolve os dois conjuntos.

1.1. CONTEXTO LATINOAMERICANO

De forma geral, se pode delimitar um contexto comum latinoamericano pelo qual São Paulo, em relação ao Brasil, e Bogotá, em relação a Colômbia, passaram na metade do século XX. As diferenças que, obviamente, existem e são muito relevantes, serão abordadas também quando forem tratados, mais adiante, cada um dos casos especificamente. Portanto, cabe pontuar aqui os fatores comuns entre ambos os projetos que nos permitam localizá-los dentro de um amplo panorama de transformação econômica e social em todo o continente, sobretudo nas suas principais zonas metropolitanas.

A industrialização tardia, em comparação à ocorrência deste fenômeno na Europa Central, é uma característica marcante dentro da história mais recente da América Latina. Tal descompasso é destacado pelas visões mais difundidas da Historiografia e da Geografia como razão determinante da condição de subdesenvolvimento estrutural destes países¹. Todos os fenômenos particulares do processo de industrialização que transformaram as paisagens urbanas francesas e inglesas ao longo do século XIX têm correspondência, dentro das particularidades

¹ (FURTADO, 1966)

de contexto subdesenvolvido, com os processos ocorridos em Bogotá e São Paulo, cem anos mais tarde.

Do ponto de vista do desenvolvimento da industrialização capitalista foi imprescindível o estabelecimento de uma grande massa de trabalhadores nas cidades que concentraram a indústria - definido na literatura como o proletariado urbano ou exército industrial de reserva. A nova população introduzida no ambiente dessas cidades foi, ao mesmo tempo que condição fundamental para a industrialização, também geradora de uma série de demandas sociais que só poderiam ser supridas pela na escala dessa mesma industrialização. Não por mera coincidência, o próprio programa arquitetônico de um conjunto habitacional só faz sentido conceitualmente dentro de uma sociedade industrial, cuja capacidade produtiva é suficientemente eficaz para fabricar e mobilizar todo o material necessário em suas enormes quantidades para esse fim. Ao mesmo tempo, essa lógica se completa com uma população urbana suficientemente grande e concentrada para ocupar o grande número de unidades produzidas.

As precárias condições de vida nas áreas rurais latinoamericanas, via-de-regra violentas e abandonadas pelos poderes governamentais, contribuíram largamente para que a população dessas regiões realizasse um importante movimento migratório em direção aos grandes centros urbanos que prometiam oportunidades de trabalho, habitação e serviços públicos. São muito estudados também os casos nos quais as dificuldades que atingiam a população rural eram, mais do que displicência do Estado, uma política demográfica planejada e intencional para impedir a subsistência das famílias e incentivar a sua saída para as cidades maiores². A política de acesso à propriedade rural no continente reiteradamente reforçou a concentração latifundiária em detrimento de uma reforma agrária que favorecesse os pequenos proprietários. E o caudilhismo latinoamericano - ou sua versão mais particular brasileira: o coronelismo - deu forma política de dominação social à essa hegemonia dos grandes proprietários de terras rurais³.

² (FURTADO, 1966)

³ (FAJARDO, 2016)

Outra particularidade muito relevante ao continente neste momento histórico é a série de disputas geopolíticas bilaterais que foi registrada sob o conceito de Guerra Fria. Com o então caracterizado “terceiro mundo”, dividido quase que em sua totalidade entre territórios sob influência estadunidense-capitalista ou soviética-socialista, toda a América Latina se tornou alvo de grande interesse dos Estados Unidos da América quanto à estabilidade política favorável aos interesses ocidentais e ao desenvolvimento social condicionado ao modelo econômico capitalista.

Um continente assolado por calamidades sociais como a fome endêmica, o analfabetismo e a precariedade habitacional não seria o modelo de desenvolvimento capitalista que os Estados Unidos gostariam de mostrar ao mundo. A perda do domínio sobre Cuba para o bloco socialista já havia alertado os norte-americanos da possibilidade real de novos levantes anticapitalistas pelo continente; o presidente brasileiro Juscelino Kubitschek teria dito a Eisenhower (presidente dos EUA): “se vocês não financiarem programas que nos tirem da miséria, a esquerda revolucionária o fará, com a ajuda da União Soviética⁴”. A mensagem, em linhas gerais, define bem o que seria o programa internacional Aliança Para o Progresso, implementado pelo presidente John Kennedy a partir de 1961, cujos recursos financiaram obras de equipamentos públicos, urbanizações, infraestrutura e habitação coletiva por todo o continente, como os casos brasileiros da Vila Kennedy no Rio de Janeiro (RJ) e da Cidade da Esperança em Natal (RN), além do caso colombiano estudado neste trabalho: o conjunto habitacional Ciudad Kennedy.

O conjunto COHAB Itaquera I, por sua vez, foi uma obra financiada pelo Banco Nacional de Habitação, órgão criado pelo Regime Militar que governou o Brasil a partir de uma intervenção militar apoiada pelos EUA em 1964. Os sucessores de Kennedy, em especial Johnson e Nixon, adotaram a tese de que, mais do que ajuda financeira, o controle político direto seria necessário para evitar o avanço do socialismo em alguns países latinoamericanos. A Colômbia, por fatores

⁴ Natali, João Batista. “Plano de 1961 queria barrar avanço cubano”. *Folha de São Paulo*. 6 de março de 2007.

que veremos mais adiante, foi um dos poucos países que não sofreu com uma intervenção similar.

1.1.1. O CASO BRASILEIRO

Em relação à política habitacional e à arquitetura moderna no Brasil cabe pontuar alguns fatores particulares, sobretudo quanto ao perfil do Estado brasileiro no período e a natureza do processo de modernização da sociedade brasileira. A relação da arquitetura moderna no Brasil com os regimes autoritários que governaram o Brasil por mais de um terço do século passado, mais especificamente a Ditadura Vargas (1930-1945) e a Ditadura Militar (1964-1985), é íntima, uma vez que o Estado autoritário foi seu principal impulsionador. É justo mencionar que os arquitetos modernos brasileiros foram, em geral, militantes contra o projeto político das duas ditaduras, inclusive houve debates dentro do Partido Comunista Brasileiro questionando se esses arquitetos deveriam ou não participar das obras empreendidas pelo Estado. Foi o caso do arquiteto Vilanova Artigas, que refletiu sobre essas duas posições adotadas por alguns arquitetos na conjuntura, em um artigo publicado em 1967⁵.

O projeto do conjunto Itaquera I, objeto deste trabalho, não possui a assinatura de nenhum dos mais reconhecidos arquitetos modernistas brasileiros, como Oscar Niemeyer no complexo da Pampulha⁶ ou Vilanova Artigas no Parque Cecap⁷, ambos realizados em governos ditatoriais. No entanto, o grande conjunto de Itaquera I e os vários similares expressam da mesma forma a ideia de uma modernização autoritária da sociedade, a intenção de adequar os trabalhadores a uma nova forma de vida na cidade, racionalmente implantada dentro de um sistema que deveria ser sobretudo funcional e pragmático quanto ao papel de cada um dos grupos sociais dentro da lógica capitalista de reprodução social.

⁵ Vilanova Artigas, João Batista, “Uma falsa crise”. *Revista Acrópole*. 1967

⁶ Complexo arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte - MG, composto pelos edifícios da Casa de Baile, do antigo Cassino, do Iate Clube e da Igreja de São Francisco

⁷ Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado, em Guarulhos - SP



[Figura 01: manchete de jornal anuncia a construção da COHAB Itaquera I como “uma nova cidade”.]

Dentro de um Estado autoritário e modernizador, não seria o primeiro caso de grandes projetos arquitetônicos promovendo - ou impondo - uma nova forma de viver, habitar e consumir o espaço alinhada às novas formas de organização da sociedade e da sua estrutura produtiva. Analogamente ao exemplo da Paris de Haussmann, como explica David Harvey⁸, a implantação do urbanismo moderno em suas diversas formas no Brasil - em especial nas décadas de 1960 e 1970 - pode ser entendida como um grande investimento estatal para fazer da urbanização uma força motriz da economia nacional, absorvendo o excedente de capital industrial e de mão de obra⁹. O Estado visou, mediante a supressão de direitos individuais e coletivos (trabalhistas, sindicais, estudantis), a estabilização das tensões sociais

⁸ (HARVEY, 2014)

⁹ (DE OLIVEIRA, 1973)

características do desenvolvimento capitalista. É possível entender o projeto, construção e ocupação do conjunto Itaquera I dentro deste panorama.

Acompanhando a nova forma de viver nesta cidade, crescia o mercado de bens de consumo, intimamente relacionados às condições dos conjuntos suburbanos em larga expansão¹⁰. Os automóveis particulares prometiam possibilitar ao cidadão deslocar-se pela cidade cada vez mais espalhada e mal atendida pelo sistema de transporte público em lenta ampliação. Máquinas de lavar, refrigeradores e todo tipo de eletrodomésticos foram vendidos como soluções para a dupla jornada de trabalho das donas de casa, em grande parte já inseridas no trabalho remunerado. A popularização dos televisores nas residências, por fim, prenunciava que o tempo livre seria mais despendido na convivência íntima do núcleo familiar e menos para com a comunidade, a vizinhança e os círculos sociais externos¹¹.

O conjunto habitacional paulistano aqui estudado também se localiza dentro de um contexto econômico no qual o país priorizou consolidar a sua industrialização. Quanto à correlação entre industrialização e construção civil no Brasil, as grandes obras arquitetônicas, urbanísticas e infraestruturais impulsionaram as indústrias de base, extrativistas e de baixa tecnologia, que dominavam grande parte da economia brasileira no momento, criando uma larga e constante demanda por seus produtos e serviços. O sociólogo Francisco de Oliveira enxerga o processo da industrialização da construção civil em duas frentes: os pesados investimentos estatais na construção - consumidora em larga escala de produtos industrializados - e a autoconstrução por parte da população desamparada - que investiu parte considerável dos seus salários em tijolos, cimento, portas e janelas para construir a própria casa. Discutiremos na Parte 2 deste trabalho como o conjunto Itaquera I se enquadra em ambos os processos relatados.

1.1.2. O CASO COLOMBIANO

¹⁰ (GODDARD, 1967)

¹¹ (LEFEBVRE, 1995)

“A Colômbia é um país de cidades. [...] Não escapa, no entanto, da tendência centralista que caracteriza a maioria dos seus vizinhos da América Latina”¹². A definição do economista colombiano José Fernando López, ao mesmo tempo em que nos dá pistas sobre o padrão de urbanização colombiano, revela os paralelos que este padrão encontra em todo o continente, inclusive no Brasil. Em seu texto intitulado *Características económicas de Bogotá*, publicado no livro *Vivir en Bogotá*, López descreve um processo de urbanização e crescimento do protagonismo de Bogotá dentro da modernização econômica colombiana; um fenômeno analogamente retratado com muita frequência por autores que tratam dos processos socioeconômicos e espaciais de São Paulo ao longo do século XX¹³.

Nos estudos publicados em 1950, a região colombiana que mais contribuía para o PIB nacional era a de Antioquia. Em 30 anos, nos dados de 1980, Bogotá aparece na primeira posição, superando em muito a região *antioqueña*¹⁴. A cidade de São Paulo passou por evento muito semelhante também em 1950, quando foi publicado o primeiro censo que reporta a capital paulista com uma população superior à cidade do Rio de Janeiro, então capital federal.

A migração em massa da população rural em direção às grandes cidades é um fenômeno recorrente na América Latina. Especialmente na Colômbia, no entanto, o êxodo rural visto ao longo do século XX tem um componente particular: a violência sistematizada que se tornou, à época, o exercício prático da política no país. Num primeiro momento, sendo polarizados entre os partidos políticos liberal e conservador, os conflitos armados por todo o interior da Colômbia – desde os vales até os altiplanos e às serras – se intensificaram e perduraram à medida em que passaram a envolver grupos guerrilheiros, paramilitares, narcotraficantes e as próprias forças armadas do Estado. São de se imaginar as condições psicossociais em que chegavam a Bogotá as famílias traumatizadas pela violência – quando não adaptadas e inseridas nesta mesma lógica. Mais do que isso, nos interessa a situação socioeconômica dessa população e, sobretudo, a inacessibilidade à moradia.

¹² (LÓPEZ, 1990)

¹³ (LIMA DE TOLEDO, 2004)

¹⁴ (LÓPEZ, 1990)

“[...] se deslocaram a esta cidade originários de várias regiões do país em busca de participação no poder, de educação para seus filhos e de oportunidades de investimento. Famílias camponesas também buscaram a rota da capital, umas, espoliadas pela violência rural, outras, buscando a redenção da pobreza”¹⁵

Na história recente da cidade de Bogotá, é difícil encontrar um evento histórico mais marcante e relevante para o contexto local e nacional do que a série de rebeliões que recebeu o nome de *Bogotazo*. Em 1948, o então candidato liberal à presidência do país, Jorge Eliécer Gaitán, foi assassinado a tiros no centro da cidade, motivando uma grande revolta nos dias que se seguiram devido à sua popularidade entre os setores populares. O centro de Bogotá foi largamente incendiado, pilhado e destruído pela população furiosa que combatia em barricadas contra policiais, soldados e bombeiros. Em âmbito nacional, o acontecimento iniciou uma década de conflitos armados entre liberais e conservadores, conhecido - sugestivamente - como *La Violencia*. Dentro da capital, a revolta se encerrou deixando o centro da cidade arrasado e, como é típico em momentos pós-guerra, convocando arquitetos, engenheiros e toda a produção da construção civil a investir esforços em sua reconstrução. De certa forma, a destruição do centro de Bogotá abriu espaço - mesmo literalmente - para os edifícios modernos projetados pela geração de então jovens arquitetos, muito simbolizada na figura de Rogelio Salmona.

Somam-se ao contexto violento das zonas rurais os outros fatores que motivaram o “boom” populacional também nas demais metrópoles latinoamericanas nas décadas de 1950 e 1960. O crescimento da atividade industrial requereu a ampliação do exército de reserva. Da mesma forma, a crescente oferta de empregos no setor de comércio e serviços atraiu investimentos e migrações. Por fim, diversas inovações tecnocientíficas permitiram o aumento da expectativa de vida. Estes fatores obrigaram a construção civil a produzir em quantidade inédita unidades habitacionais que, ao mesmo tempo, necessitou que o sistema financeiro oferecesse crédito para o acesso às habitações produzidas nos diferentes estratos sociais.

¹⁵ (DEL CASTILLO, 2008)

Como veremos mais adiante, o governo colombiano tratou de fundar um banco estatal em 1939 para financiar a política habitacional. Num primeiro momento, atuando nas zonas rurais oferecendo crédito a pequenos proprietários e empresas interessadas na urbanização e construção de infraestrutura, o *Instituto de Crédito Territorial* passou depois a financiar, projetar e construir moradia popular em larga escala nas principais cidades do país. No caso brasileiro, o Banco Nacional da Habitação cumpriu função análoga através das COHABs instaladas nos principais municípios. Trataremos a seguir de ambos os órgãos estatais, para investigar o quê, dentro de suas formas de atuação, se refletiu em maior ou menor grau no espaço produzido, na conformação arquitetônica e urbanística dos dois conjuntos construídos.

1.2. A COMPANHIA METROPOLITANA DE HABITAÇÃO DE SÃO PAULO (COHAB-SP)

No ano de 1964, com a instauração do Regime Militar no governo do Brasil, foi criado o Banco Nacional da Habitação (BNH), cuja finalidade seria financiar a construção de habitação popular em todo o país. Dentro das municipalidades, coube às COHABs a tarefa de adquirir terrenos e neles implementar projetos de habitação de interesse social com os recursos repassados pelo BNH. Assim foi feito com a gleba a qual viria ocupar o complexo Itaquera I¹⁶, cuja primeira parte (atual conjunto Padre Manoel de Paiva) foi adquirida pela COHAB-SP em 1967. Dois anos depois o restante dos terrenos foi também adquirido¹⁷.

Anteriormente, a gleba pertencia ao Instituto de Aposentadoria e Previdência dos Industriários (IAPI) desde 1942. Os Institutos de Previdência eram agentes fundamentais na produção de habitação popular antes da criação do BNH. As primeiras unidades habitacionais concluídas foram entregues apenas em 1979 mas as datas mencionadas evidenciam que a intenção de promover o uso

¹⁶ O Conjunto Habitacional COHAB Itaquera I, mencionado como “complexo Itaquera I”, é composto por três conjuntos habitacionais menores. São eles: Padre Manoel de Paiva, Padre Manoel de Nóbrega e Padre José de Anchieta.

¹⁷ (SLOMIANSKI, 2002)

habitacional de interesse social nessa área já existia décadas antes, coincidindo com a própria urbanização da região de Artur Alvim realizada pelos loteamentos das antigas chácaras. Inclusive, o pertencimento da gleba ao IAPI é apontado como a razão do terreno ter permanecido disponível em meio à ocupação do entorno por esses loteamentos¹⁸.

No início da década de 1970 o BNH e as COHABs passaram por uma crise financeira de grande impacto, o que fez o governo vigente revogar a condição de autarquia do Banco e posicioná-lo como banco de segunda linha¹⁹, obrigando-o a prosseguir com sua operação objetivando o desempenho econômico como prioridade para sua sustentabilidade financeira. No caso da COHAB-SP, diferentemente do Instituto de Crédito Territorial colombiano, sobre o qual discorreremos mais tarde, a COHAB-SP não contou internamente com um departamento ou seção técnica destinada ao exercício propriamente projetual. O projeto do complexo Itaquera I foi realizado pelo escritório contratado Botti Rubin²⁰, seguindo parâmetros, exigências e orientações da COHAB que se originaram de fatores quantitativos, principalmente de metas orçamentárias e pesquisas demográficas como o documento que recebeu o título de “População Cohabense”. As lógicas econômicas e políticas determinantes no planejamento dos conjuntos condicionaram radicalmente sua forma arquitetônica.

1.2.1. “POPULAÇÃO COHABENSE”: O LEVANTAMENTO

A fim de obter um panorama geral das condições socioeconômicas da população que seria atendida pelos conjuntos habitacionais construídos, a COHAB-SP realizou em 1969 um estudo demográfico destinado a responder “uma série de dúvidas e dificuldades sentidas ao longo de alguns meses de trabalho”, como descrito no próprio documento produzido. Uma população composta por 1000 famílias, distribuídas pela Grande São Paulo, foi analisada com base em

¹⁸ (RAMALHOSO, 2013)

¹⁹ Modalidade de instituição financeira que visa rentabilidade melhor a prazos mais curtos

²⁰ (RAMALHOSO, 2013)

formulários informando dados referentes tanto à totalidade da família como apenas ao membro identificado como “chefe da família”.

O documento está estruturado em 7 itens desde sua introdução e finalidade até conclusão e pareceres. Os dados refletem aspectos da população estudada ligados ao seu perfil econômico, região de origem, religião, escolaridade, situação profissional e – de maior interesse para o presente trabalho – situação de habitação atual, tipo de habitação pretendida, participação na vida comunitária e preferência por equipamento coletivo. Cabe discorrer melhor sobre esses últimos dados que refletem mais diretamente os aspectos espaciais – arquitetônico e urbanístico – que viriam a ter as habitações produzidas para essa população.

Quanto à situação de moradia atual da população que a COHAB analisou em 1969, expressa no Item 4, uma grande maioria (87,1% do total) vivia em moradia de aluguel e outra parcela (10,4%) morava “de favor” em casas cedidas, compondo uma população em quase total situação de insegurança habitacional, podendo perder o acesso à sua moradia em razão das constantes variações nos preços dos aluguéis bem como na remoção por parte do proprietário do imóvel, por qualquer razão. Outros dados relevantes mostram que 36,5% das famílias habitavam espaços provisórios insalubres, como barracos auto construídos, e 40,7% em moradias coabitadas ou coletivas, como o caso de cortiços e fundos-de-quintal. O levantamento de tais informações, conforme expresso, “comprova a necessidade de planos habitacionais que atendam a esta faixa da população”²¹. Assim, o documento escrito pelo Conselho Técnico da própria COHAB-SP tem como objetivo, além de embasar, justificar o projeto e a construção dos conjuntos habitacionais.

O 4º item levantou ainda o tipo de habitação preferencialmente pretendida pelas famílias. O resultado apresenta uma diferença abismal entre os que preferem as casas térreas e sobrados, respectivamente 54,2% e 20,1%, e os que preferem os apartamentos, mínimos 0,4%. Conforme veremos mais adiante, a produção de habitações nos conjuntos do complexo Itaquera I priorizou largamente o tipo apartamento, em contradição com o resultado da pesquisa. Logo após apresentar os números, o documento alega que:

²¹ (“População Cohabense”, 1969, pág 31)

“Esta preferência por casa térrea, e sobretudo a rejeição do apartamento, derivam do fato desta população considerar o apartamento e, até certo ponto, o sobrado, tipos de habitação próprios de gente rica. Trata-se, portanto, de fenômeno modificável a longo prazo, desde que a COHAB-SP possa construir apartamentos e sobrados ao mesmo preço das casas térreas.”²²

Indo ao item 6, que trata de um potencial espírito comunitário das famílias, relata-se que 83,4% afirma participar da vida comunitária pela igreja. 6,3% participa de sindicatos e as outras formas de associação não chegam sequer a 5%. Afirmando que a ida à igreja não costuma significar participação efetiva nas associações desta, a análise conclui que a vida associativa da população é mínima, como é típico nas camadas sociais de baixa renda, pela pouca disponibilidade de tempo e energia a despender além do trabalho, família e afazeres domésticos. Ainda ressalta a importância de estimular nos conjuntos habitacionais as práticas próprias da vida comunitária, como fenômeno fundamental para o sucesso dos conjuntos como espaços sociais.

O próximo questionário aborda o tipo de equipamento coletivo tido como prioridade. Dentre as opções possíveis, a escola foi o equipamento mais escolhido, tendo a preferência de 55,4% do grupo. O documento insinua uma relação de tal preferência com o desejo da população por oportunidades de ascensão social, considerando a educação como uma necessidade para esse fim.

O item final, número 7, é dedicado às conclusões e pareceres do Conselho Técnico com base em todos os dados e apontamentos presentes ao longo de todo o documento. Quanto à situação socioeconômica das famílias, o documento conclui que a população tem condições de assumir o compromisso financeiro com a COHAB-SP por seus rendimentos e estabilidade profissional. Admite também a existência de uma parcela que não pode ser atendida pelo modelo proposto, reconhecendo que tal grupo é atingido por problemas mais profundos e complexos do que o déficit habitacional por si só.

²² (“População Cohabense”, 1969, pág 32)

Especificamente, a seção 7.5, no encerramento dos pareceres, aponta o mais relevante para esta pesquisa: a relação entre as intenções da COHAB-SP enquanto órgão público com as potencialidades técnicas da Arquitetura Moderna. As conclusões sobre a eventual expansão dos núcleos familiares levam o documento a considerar imperativo que as unidades possam ser facilmente alteradas na sua configuração interna para abrigar um dormitório extra. Contando originalmente com 1, 2 ou 3 dormitórios, todas as configurações propostas pelo relatório exigem “possibilidade de adaptação para mais outro”.

A extrema racionalidade dos processos construtivos e da configuração dos espaços possibilitou, além da adaptação dos interiores das habitações, a produção em larga escala das tipologias repetidas em série. Isso barateou o custo das unidades – sobretudo dos apartamentos – como foi mencionado no item 4, frente à recusa da população pela “forma apartamento” justificada pela visão pré-concebida de que a tipologia seria acessível somente aos grupos sociais de maior renda.

As consequências do estabelecimento de tais premissas para os projetos que seriam desenvolvidos, mais especificamente o COHAB Itaquera I, serão observadas na apresentação do conjunto mais adiante. Fica clara a estreita e conveniente relação entre os objetivos do Estado moderno (no caso brasileiro, autoritário) para a habitação de interesse social e os princípios técnicos, formais e espaciais da Arquitetura moderna expressos no espaço construído.

1.3. O INSTITUTO DE CRÉDITO TERRITORIAL (ICT)

Frente ao cenário de explosão da urbanização consequente da modernização econômica e política do país, bem como dos conflitos armados que assolaram o campo ao longo do último século decorrido, formou-se o Instituto de Crédito Territorial no ano de 1939 com o objetivo de fornecer soluções dentro de uma política habitacional e de crédito para os problemas sociais que passavam a assolar as cidades em crescimento na Colômbia e, em especial, a cidade de Bogotá, sua capital. As soluções propostas, ao longo da existência do ICT até o ano de 1991, se concentraram em duas frentes: o oferecimento de crédito estatal para a construção

de habitação em áreas rurais; e o desenvolvimento de projetos de moradia popular nas cidades, entre os quais se encontra o conjunto habitacional tema deste trabalho, Ciudad Kennedy. Cabe pontuar brevemente que, em um momento posterior, o Instituto de Crédito Territorial teve suas operações encerradas no contexto de ascensão de políticas neoliberais que demandaram a redução do papel estatal no campo da habitação social.

Um artigo produzido para a Revista INVI (publicação acadêmica da Universidad de Chile) em 2015 relata, contando com entrevistas a antigos altos funcionários técnicos do ICT, a atuação do Instituto no desenvolvimento dos projetos de diversos conjuntos habitacionais. Esse artigo é a base para a discussão a seguir.

1.3.1. DEPARTAMENTO DE DISEÑO: UM DEBATE ARQUITETÔNICO

Como introduzido anteriormente, a partir do ano de 1964 o ICT passa a atuar não apenas no fornecimento de crédito para a construção - atuação financeira - mas diretamente no projeto e na construção de moradia popular nos centros urbanos - atuação propriamente arquitetônica e urbanística. Essa transformação no papel do Instituto na promoção de uma política habitacional foi, segundo o artigo de Maarten Goossens e Jaime Meneses, possibilitada pela criação do *Departamento de Diseño*; uma divisão interna do ICT formada por arquitetos, responsável pelo projeto dos conjuntos habitacionais construídos incluindo a arquitetura dos edifícios e unidades habitacionais, e o projeto urbanístico e paisagístico dos conjuntos e seus espaços livres. Sobretudo quanto ao desenho dos espaços públicos, na visão de Goossens e Meneses, a grande contribuição do *Departamento de Diseño* foi complementar os cálculos quantitativos já realizados pelo ICT com as preocupações qualitativas quanto a esses espaços.

Com a criação do novo departamento técnico, uma nova geração de arquitetos - muitos recém-formados - passa a vincular-se ao ICT. Em geral, eram arquitetos jovens com ideias progressistas inspiradas pelo movimento moderno internacional, entre os quais cabe destacar os nomes dos icônicos arquitetos colombianos Rogelio Salmona e Hernán Vieco. A principal origem acadêmica dos

arquitetos que compuseram o *Departamento de Diseño* em seus primeiros anos foi a *Universidad Nacional de Colombia* e, em muitos casos, o programa de pós-graduação do *Centro Interamericano de Vivienda (CINVA)*.



[Figura 02: Le Corbusier visita a Colômbia e se reúne com arquitetos locais.]

Os autores mencionados relatam também que o Instituto de Crédito Territorial gozava de um status de autoridade dentro da administração pública em relação ao desenvolvimento urbano na Colômbia, o que lhe conferiu grande autonomia na tomada de decisões políticas e projetuais na concepção e implantação de projetos de desenvolvimento urbano em todo o país. O Departamento de Desenho teve condições de trabalhar com muita liberdade nos projetos desenvolvidos visto que em muitos casos o ICT era, ao mesmo tempo, gerenciador, cliente e executor das próprias obras.

Exemplo dessa autonomia e liberdade de atuação é a oficina de pré-fabricação mencionada da qual dispunha o ICT para desenhar, prototipar e produzir elementos construtivos e componentes de seus projetos, a fim de permitir uma maior eficiência e economia na construção em série. Muitos foram os pontos nos quais os arquitetos, engenheiros e outros técnicos do Instituto puderam

dedicar-se a experimentações e inovações que, se por um lado respondem contundentemente às demandas da habitação popular identificadas pelo movimento moderno, em diversas ocasiões já evidenciam uma postura crítica aos postulados modernistas. Como apontam Goossens e Meneses, pode-se olhar o ICT como a consolidação de um pensamento arquitetônico e urbanístico colombiano alinhado ao movimento moderno internacional e ao mesmo tempo como um crítico relevante desse movimento e agente importante no desmonte das suas ideias.

A criação do Departamento de Desenho coincide com anos cruciais do desenvolvimento do projeto de *Ciudad Kennedy*. A cerimônia de entrega da primeira residência do então chamado *Ciudad Techo*, com a presença do presidente estadunidense John F. Kennedy cujo assassinato em 1963 motivaria a renomeação do conjunto, ocorreu em 1961. Três anos depois, os arquitetos recém-chegados ao Departamento que começavam a trabalhar nas fases posteriores de implantação do Conjunto, com relevantes partes já construídas, faziam críticas a aspectos fundamentais do projeto do conjunto; sobretudo quanto à padronização das tipologias, desconsiderando condições de entorno e localização. O artigo de Gabriel Lleras Andrade na quarta edição da Revista Escala, publicada em 1963 e dedicada ao projeto de *Ciudad Kennedy*, aponta que:

"Ao comparar uma quadra à outra pode-se concluir que no desenho não houve nenhum critério sobre densidades [...] chegando a extremos patéticos nos quais não existem áreas livres ou estacionamentos. [...] não se projetou um vínculo entre os centros de interesse e as áreas de habitação circundantes que conduza visual ou funcionalmente o indivíduo até eles. Se nota uma carência de hierarquização dos espaços abertos. [...] Por vezes as vistas têm quatrocentos ou seiscientos metros completamente não controlados [...]"²³

Quanto aos inúmeros problemas do projeto apontados pelos arquitetos do ponto de vista da configuração urbanística dos edifícios e espaços livres, a arquiteta húngaro-colombiana Emesé Ijjasz de Murcia menciona, em entrevista relatada no artigo de Goossens e Meneses, a desintegração entre arquitetura e urbanismo dentro do ICT. Quando do início do projeto de *Ciudad*

²³ (ANDRADE, 1963) Traduzido do espanhol.

Kennedy, a tomada de decisões urbanísticas era responsabilidade exclusiva de engenheiros. Para Emesé, a criação do *Departamento de Diseño* corrigiu a prática anterior, considerada por ela um absurdo, permitindo o trabalho conjunto de arquitetos, engenheiros, economistas e sociólogos.

Na prática, o trabalho deste departamento foi fundamental para repensar o papel do edifício multifamiliar na promoção da habitação social em um contexto em que a rápida urbanização de Bogotá criava uma imensa dificuldade para encontrar solo urbanizável. Por outro lado, o Instituto já buscava estabelecer parâmetros mínimos de qualidade espacial e de infraestrutura urbana a serem oferecidos dentro de uma proposta de política habitacional baseada em “lotes com serviços”.

Essas duas frentes produziram duas categorias tipológicas que definiram o projeto de Ciudad Kennedy: as casas unifamiliares e os edifícios multifamiliares. Composição muito similar, a princípio, às tipologias encontradas na COHAB Itaquera I; ao mesmo tempo, os resultados arquitetônicos e urbanísticos produzidos por ambas apresentam interessantes diferenças a serem abordadas mais adiante.

PARTE 2: O CONJUNTO MODERNO

Os dois conjuntos abordados neste trabalho foram construídos na segunda metade do século XX seguindo, inicialmente de forma rigorosa, os princípios da Arquitetura Moderna estabelecidos desde o início do século. No entanto, a crítica a tais fundamentos arquitetônicos ideológicos e formais remonta a anos antes da construção de Ciudad Kennedy e décadas antes da COHAB Itaquera I, mais especificamente à dissolução do CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna) e à formação do Team 10 em 1956. No Brasil, a filósofa Otília Arantes se debruçou sobre a crítica ao movimento moderno levando em conta os seus desdobramentos no contexto da periferia do capitalismo, onde se localizam os dois casos aqui estudados.

Uma de suas teses fundamentais é a indissociabilidade entre a Arquitetura Moderna da chamada “utopia totalizadora e universalista”. A objetivação desta manifesta a ideologia totalitária do plano, nos termos consagrados pelo crítico italiano Manfredo Tafuri²⁴. A utopia a ser realizada pela estética da modernidade arquitetônica, representa justamente as novas formas de viver e habitar o espaço das quais já falamos anteriormente²⁵.

Para mais adiante discutir as transformações que os conjuntos Itaquera I e Ciudad Kennedy sofreram pela ocupação e apropriação dos seus usuários, é importante evidenciar o papel de tais projetos urbanísticos na criação de novas configurações sociais e espaciais. O historiador Anatole Kopp faz questão de ressaltar a intenção transformadora da Arquitetura Moderna ao discuti-la como protagonista na construção de uma nova realidade social na URSS – que, apesar da diferença de contexto, passou também pela necessidade de rápida modernização social e econômica que já mencionamos nos casos latinoamericanos.

Em uma tradição que data desde os socialistas utópicos do século XIX, os primeiros arquitetos modernos – de inspirações marxistas mesmo fora da União Soviética – viam como imprescindível que a Arquitetura acompanhasse as transformações da sociedade dando forma ao espaço físico e aos valores da

²⁴ (TAFURI, 1985)

²⁵ (LEFEBVRE, 1995)

modernidade. Ainda que por motivos conceituais distintos em relação a Tafuri e Lefebvre, Kopp anuncia a deterioração dos princípios modernos da arquitetura no segundo pós-guerra.

Aqui cabe discorrer sobre a divergência fundamental entre as duas visões críticas da arquitetura moderna levantadas – isto é, uma defendida por Lefebvre, Tafuri e Arantes, e outra expressa por Kopp. De acordo com a primeira, o desenvolvimento da arquitetura moderna se deu pela efetiva realização de seus princípios e ideais, pela sua materialização, que constrói um espaço totalitário na medida em que o submete em todos os aspectos à sua lógica racionalista. Do ponto de vista da segunda, à medida em que os grandes e paradigmáticos projetos modernos foram sendo construídos, os princípios da arquitetura moderna foram sendo deformados e degenerados, perdendo sua vocação original politicamente comprometida.

2.1. COHAB ITAQUERA I - SÃO PAULO

É pertinente abordar a situação geral da periferia leste de São Paulo nos anos que precederam a construção da COHAB Itaquera I, uma vez que nela é possível encontrar as condições prévias e as razões que levaram à implantação do conjunto. Como observado por Aroldo de Azevedo em 1943, o pequeno assentamento que caracterizava a região de Artur Alvim – bairro onde hoje se localiza o conjunto –, assim como alguns bairros vizinhos, “não passam de pequenos núcleos surgidos junto à estação” (AZEVEDO, 1943). O breve relato do geógrafo revela duas características importantes sobre a região: a sua inicial pouca relevância urbanística na Zona Leste e a sua relação íntima com a linha férrea Central do Brasil, junto à qual se desenvolveu.



[Figura 03: primeiras casas do bairro de Artur Alvim, em 1943.]

A paisagem de Artur Alvim antes da construção da COHAB combinava elementos suburbanos e rurais. Os moradores relatam os bosques de eucaliptos que garantiam qualidade ambiental ao entorno, sobretudo quanto à drenagem das águas pluviais. Os depoimentos também falam sobre inundações e enchentes nas imediações do conjunto após a sua construção (Damiani, 1992). Como vimos na Parte 1 deste trabalho, a gleba pertencente ao BNH permaneceu desocupada - mesmo com os avanços dos loteamentos irregulares ao redor - muito em parte por ser propriedade pública, estando fora do alcance de loteadores privados, e estar localizada em uma região que - apesar de periférica - não era atingida ainda pelo fenômeno de favelização.²⁶

²⁶ (RAMALHOSO, 2013)



[Figura 04: Fotografia aérea do terreno da COHAB antes do início da construção do conjunto, em 1954.]

Analisaremos agora o projeto feito pela Companhia Metropolitana de Habitação e as decisões que, por diversos motivos de variadas ordens, transformaram o espaço urbano e social de Artur Alvim. A implantação do conjunto Itaquera I, até então o maior complexo habitacional construído no país, seguia uma lógica radicalmente distinta daquela que guiava o processo de urbanização da Zona Leste da cidade: loteamentos irregulares e autoconstrução.



[Figura 05: Plano urbanístico geral do complexo Itaqueria I.]

O complexo Itaqueria I, composto por seus três conjuntos, foi entregue também em partes. No final de 1975 o BNH aprovou o projeto do conjunto Itaqueria I-A (posteriormente nomeado como Padre José de Anchieta); em Junho de 1977, o Itaqueria I-B (Padre Manoel da Nóbrega); e por fim o Itaqueria I-C (Padre Manoel de Paiva) em Setembro de 1978²⁷. As obras da construção não demoraram a começar e avançaram rapidamente, como afirma Ramalhão (2012, p. 100). Pela grande quantidade de etapas dessincronizadas, é difícil precisar uma data oficial de conclusão do complexo, encontrando-se menções a cerimônias parciais de inauguração a partir de Novembro de 1978. Contudo, ao fim da construção, todo o complexo contava com uma área de superfície de 1,1 quilômetros quadrados (quase do tamanho do parque do Ibirapuera). Essa extensão foi ocupada por edifícios multifamiliares, casas populares, ruas, praças, áreas destinadas à futura instalação

²⁷ (DAMIANI, 1992)

de equipamentos públicos e, sobretudo, muitas áreas remanescentes sem usos determinados - como os predominantes ajustes topográficos. Espaços indefinidos tais que se tornariam objeto de disputa entre os agentes sociais participantes nos anos subsequentes.

No total, foram entregues 12.506 moradias, somando-se apartamentos e casas térreas, com uma cota-parte de 68m² de terreno do empreendimento para cada unidade construída, descontando-se áreas destinadas a usos não residenciais. O grande número de unidades construídas só pôde ser justificado por uma oportuna alteração no código de edificações para Habitação de Interesse Social do município aprovada em 1976. A mudança consistia na redução radical das áreas obrigatoriamente destinadas a circulações, áreas verdes e usos institucionais; e, consequentemente, ampliava a área para implantação dos edifícios e casas.

Falando em termos numéricos, as áreas verdes obrigatórias compunham, antes, 15% da área total do empreendimento e passaram a apenas 10%. A exigência de 5% do terreno para usos institucionais foi totalmente derrubada pela nova legislação. Áreas destinadas à circulação caíram de 20% para 13%. Ao final das alterações, a porcentagem de terreno disponível para efetivamente construir unidades habitacionais passou de 60% para 77% (Damiani, 1992). No terreno de 1.100.000m² para o qual Companhia Metropolitana de Habitação projetava o novo conjunto, seriam destinados, conforme a legislação anterior, 660.000m² para a construção de moradias; a mudança no código de edificações possibilitou passar esse número para 847.000m², um aumento de mais de 28%.

Outra alteração na lei muito relevante para o projeto da COHAB foi a redução do lote mínimo exigido para casas: de 250m² para apenas 80m². As casas de Itaquera I estão em lotes de 130m² (6,5 x 20m), longe do limite mínimo legal; ainda assim, é evidente que sem a mudança na legislação o número de lotes aprovados seria radicalmente reduzido, inviabilizando o empreendimento nesta escala. Além disso, há a redução na “taxa de solo” - hoje conhecida como cota-parte - para os apartamentos: antes 70m², foi reduzido à metade, para 35m².

Segundo as entrevistas reportadas na tese de Damiani, os diretores da COHAB-SP tinham convicção de que o projeto de Itaquera I seria inviável seguindo o código de edificações anterior. Economicamente, construir mais unidades no

mesmo terreno comprado pela Companhia, reduzia a participação do valor do terreno no custo de cada unidade entregue. A comparação dos números antes e depois da mudança, bem como a data de aprovação do novo código, reforça a hipótese de que os componentes político e econômico foram determinantes para o desenvolvimento do projeto, em uma escala muito maior do que as discussões técnicas arquitetônicas e urbanísticas. Em sua análise a respeito da influência destes diversos aspectos no resultado espacial e social da COHAB Itaquera I, Damiani aponta as características daquilo que podemos entender aqui como três vieses do processo, a serem agora descritos.

Há um importante viés político no projeto de Itaquera I, determinado pela “ética de conservadores paulistas, à época dirigentes”. Os princípios da arquitetura moderna vão ao encontro dessa ética, uma vez que apresentam a necessidade e a possibilidade de “adequar” a grande massa de trabalhadores às formas modernas, racionais e funcionais, de ocupar o espaço. Há uma conotação moral extremamente forte na política habitacional que se baseia em tirar a população da condição dos cortiços e favelas – tidos como anti higiênicos, insalubres e socialmente degenerados – e alojá-los em conjuntos habitacionais seguindo padrões mínimos de salubridade, insolação, ventilação e instalações sanitárias, além da segmentação de espaços internos em cômodos com funções e limites claramente delimitados.

Em diversas ocasiões, a oferta de moradia digna era vista como uma maneira de “corrigir” as formas de habitação às quais a classe trabalhadora havia inicialmente se adequado: cortiços e favelas. As moradias coletivas e improvisadas eram relacionadas a vícios, criminalidade e promiscuidade moral, entre outros estigmas de teores racistas e elitistas. O engenheiro Alexandre de Albuquerque, na sessão inaugural do Primeiro Congresso de Habitação em 1931, em um contexto histórico de combate aos cortiços em São Paulo, argumenta que “evitar a vida em promiscuidade é problema social de grande importância; com a sua solução melhora-se a raça, e dá-se combate aos grandes flagelos da humanidade: alcoolismo e tuberculose”²⁸.

O segundo viés importante a mencionar é o viés econômico. Muitas das decisões urbanísticas e arquitetônicas que guiaram o projeto de Itaquera I foram

²⁸ (DOMINGUES, 2017)

tomadas tendo em conta o orçamento disponível, as receitas previstas e objetivadas e as formas de controle centralizado do financiamento que vinha do Banco Nacional da Habitação. Desta forma, há diversos fatores de origem econômica e financeira que podem, quase que autonomamente, explicar espacialmente e materialmente o conjunto: o preço baixo do terreno explica sua inserção periférica na cidade existente; o atraso no desenvolvimento das forças produtivas e da industrialização explica a construção em concreto e alvenaria; e assim por diante, como veremos ao analisar o conjunto construído.

Por fim – aparentemente em último plano, quase escanteado – aparece o viés técnico. Os “sonhos dos poucos arquitetos da equipe de uma COHAB pequena e falida”, na bibliografia produzida e estudada sobre o conjunto, parecem pouco importantes e quase nada influentes no projeto desenvolvido, além do que determinava a simplificação do dogma modernista estabelecido então. Segundo o ex-diretor da COHAB, Henri Cherkezian, em entrevista para Amélia Damiani, diferentes ideias de projeto e execução chegaram a ser cogitadas, entre elas a diversificação dos segmentos sociais atingidos e a participação de cooperativas de construção. No entanto, as propostas inventivas, fruto de discussões e posicionamentos dos quadros técnicos da COHAB, sucumbiram às pressões externas de ordem política e econômica. Nas palavras de Cherkezian:

“[...] se eu podia fazer o programa de cooperativa, a renda naquela época era de 12 a 15 salários mínimos, ou se eu podia num outro pedaço chamar a iniciativa privada para fazer um outro programa, do tipo condomínio, do tipo a preço de custo, etc..., para mesclar aquele terreno; [...] então, você dá valores diferenciados, para terrenos lindeiros à avenida, ou perto dos equipamentos, perto das praças, etc.”²⁹

Este trecho destacado do depoimento revela que outras ideias sobre como projetar e construir o conjunto disputavam espaço dentro da COHAB. É interessante notar, contudo, como a alternativa descrita teria por consequência a reprodução da mesma desigualdade socioespacial que se encontra na cidade já produzida até então, utilizando equipamentos e infraestrutura como fator de diferenciação. Após

²⁹ (DAMIANI,1992)

retomar, como parece inevitável, a discussão econômica e financeira sobre modelos de crédito e financiamento, aparece mais adiante no relato:

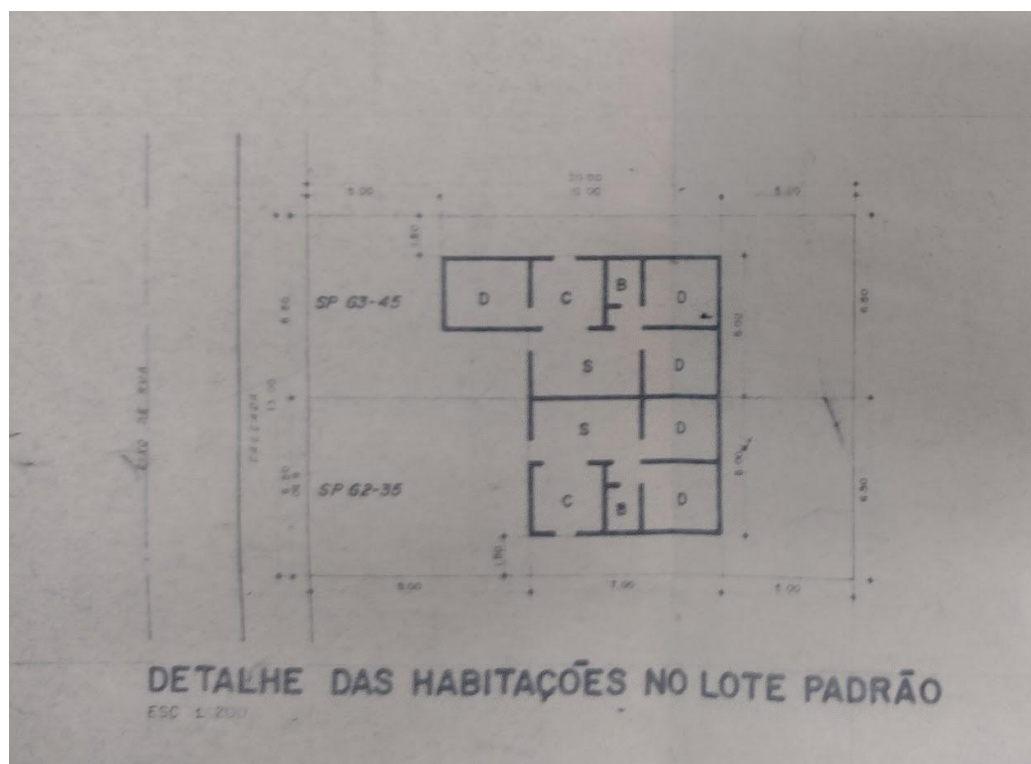
“[...] bom, as ideias todas, e muitas ficaram no papel, com proposta, etc. e tal; vieram sonoros não. Resultado, você tinha dinheiro, tinha a pressão da fila, os movimentos populares, o então PT, obrigando a gente a construir unidades mais baratas, etc. e tal. Você tinha o dinheiro, depois você tinha a pressão política de execução, você tinha a pressão dos empresários da construção civil, você tinha o dinheiro, aí não adianta você dizer não: aqui eu vou construir metade porque a outra metade eu vou esperar que alguém me dê outro dinheiro, pra fazer outra faixa de renda. Acabamos fazendo esses grandes conjuntos. Só que a preocupação com relação a parte social, sociológica, de pessoas com a mesmíssima faixa de renda, foi para o brejo.”³⁰

Tendo em vista os relatos apontados e a análise das práticas institucionais da COHAB, levantamos aqui a hipótese da predominância da questão econômica-financeira sobre a autonomia disciplinar da arquitetura e do urbanismo na determinação de como se desenvolveria o projeto e a construção da COHAB Itaquera I. Em muitos casos onde se poderia imaginar outra solução arquitetônica-urbanística, originada de um debate técnico entre profissionais de uma geração histórica da arquitetura brasileira, as alternativas foram suprimidas pela premência de atender às exigências econômicas - e, em um segundo plano, também políticas - do empreendimento.

Entraremos agora em uma análise do conjunto projetado, construído e entregue pela COHAB-SP aos seus beneficiários entre os últimos anos da década de 1970 e o início da década seguinte, buscando entender a expressão arquitetônica e urbanística - espacial e material - enquanto consequência e reação aos fatores das três ordens - técnica-disciplinar, econômica e política - aqui identificadas.

³⁰ (DAMIANI, 1992)

Observando o projeto das casas especificamente, pode-se perceber que a unidade tipo projetada - em duas variações, com dois ou três dormitórios - já abria as possibilidades das muitas intervenções que sofreria pela ocupação dos futuros usuários. A construção original fica quase que completamente isolada no lote, ancorada apenas em um dos seus limites laterais à sua unidade vizinha geminada, deixando livres os recuos para os anexos popularmente chamados de “puxadinhos”. O recuo frontal foi particularmente problemático uma vez que a ausência de muro, portão ou grade promovia um espaço indeterminado - ou espaço vazio - cujos limites de apropriação e gestão foram difíceis de definir. Nota-se claramente - até mesmo por suas convenientes dimensões - que o recuo frontal foi pensado para ser utilizado como garagem numa época em que o automóvel particular era o sonho de consumo de quase a totalidade das famílias. Contraditoriamente, o espaço para estacionar esse valioso bem foi deixado sem qualquer resguardo ao acesso externo e às ações da chuva e do sol. O recuo posterior, por sua vez, cumpriu então a função de um quintal resguardado para atividades cotidianas como secar roupas, cultivar plantas domésticas e guardar ferramentas e outros itens.



[Figura 06: Detalhe da implantação das habitações no lote padrão em Itaqueria I.]

As já mencionadas restrições orçamentárias e as obrigações financeiras que a COHAB tinha a cumprir guiaram muitas das decisões de projeto que vemos expressas nas casas. Mesmo as unidades com 3 dormitórios (previstas para eventual acréscimo de mais um) contam com apenas um banheiro, dado que a construção deste espaço demanda mais recursos por metro quadrado. A presença de sistemas elétricos, hidráulicos, revestimentos, impermeabilizações, louças e metais e outros elementos específicos tornam este ambiente consideravelmente mais custoso na construção em relação aos outros cômodos. O mesmo vale - em parte - para uma cozinha. O banheiro e a cozinha, por serem cômodos abastecidos com sistemas hidráulicos de água e esgoto, aparecem sempre juntos, compartilhando uma parede, por razões também de economia e racionalidade construtiva. Foi conveniente neste sentido concentrar a passagem de instalações hidrossanitárias em uma única ou algumas poucas paredes.

Como dito na Parte 1 deste trabalho, o duplo papel das unidades da COHAB Itaquera I em ambas as frentes da industrialização³¹ da construção civil descritas por Francisco de Oliveira se expressa justamente nas casas térreas entregues aos moradores. Mesmo com a casa inteiramente construída, contando com os cômodos mínimos necessários para que uma família a habite, as unidades entregues eram consideradas pelo projeto “embriões” das futuras construções, reformas e acréscimos que os proprietários realizariam ao longo dos próximos anos de ocupação. O resultado dessa transformação espacial será analisado na parte final deste trabalho, juntamente com o sentido social e histórico dessas reconfigurações.

Por serem condições fundamentais da realização da obra, a racionalização do processo construtivo e barateamento de técnicas e materiais, as casas foram construídas em alvenaria de blocos cerâmicos modulares. A técnica então já era amplamente difundida entre a mão-de-obra utilizada pelo setor da construção civil, tanto entre os profissionais regulares treinados quanto entre os trabalhadores intermitentes, ocasionais, e a população que frequentemente recorria à autoconstrução.

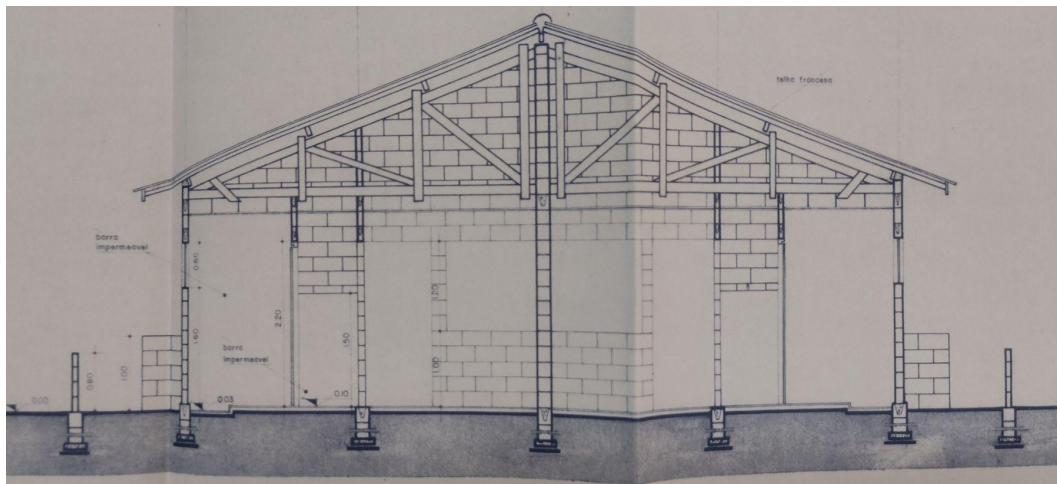
³¹ São elas: a produção pelas construtoras formais e a fabricação de materiais industrializados para a autoconstrução



[Figura 07: Casas térreas da COHAB Itaquerá I recém construídas, 1977-78.]

O resultado construído do projeto das residências unifamiliares pode ser descrito de forma muito simples como o *arquétipo* da casa popular. As casas da COHAB, à época da sua inauguração, respondem diretamente às expectativas formais do imaginário popular da habitação de interesse social. No entanto, a correspondência formal não se dá por razões de linguagem arquitetônica; como se pode presumir, a forma alcançada objetivava o máximo da eficiência e economia construtiva.

O par de unidades geminadas, com telhado de duas águas, economiza recursos para a construção da cobertura e do sistema de captação pluvial. Apoiado na parede central compartilhada entre as duas unidades e nas paredes laterais de cada uma, o telhado funciona como uma cobertura única para ambas as casas. E não leva em si nenhuma inventividade arquitetônica; usa os sistemas construtivos tradicionalmente difundidos tanto entre a mão-de-obra profissionalizada quanto entre a população adaptada à autoconstrução: estrutura em treliça de madeira e cobertura em telhas cerâmicas, com calhas para recolhimento da vazão das chuvas.



[Figura 08: Detalhe construtivo do telhado das casas de Itaquera I.]

A composição da fachada frontal, onde deveria ocorrer a interface entre a casa e a rua - o público e o privado -, é feita pela disposição das duas simples esquadrias (porta e janela) em cada um dos lados. Os elementos dispostos na fachada reforçam a ideia de uma casa arquetípica. Não há quaisquer detalhes relevantes para a composição geral nessas esquadrias nem na fachada como um todo. A linguagem arquitetônica usada para a configuração do exterior das casas, quanto aos princípios da arquitetura moderna, respeita rigorosamente - e exclusivamente - a ideia da abolição do ornamento. As casas da COHAB Itaquerá I foram, desde a primeira vista, radicalmente diferentes das residências autoconstruídas encontradas na periferia leste da São Paulo dos anos 70 e 80, que - de forma inventiva - apresentavam fachadas com frisos, molduras, platibandas, relevos decorativos e cerâmicas coloridas. Até mesmo as varandas, valorizadas como elemento fundador de uma arquitetura brasileira pelo arquiteto modernista Lúcio Costa, foram suprimidas na arquitetura moderna austera que a COHAB destinou à classe trabalhadora.



[Figura 09: Aspecto da fachada de uma típica residência dos arredores da COHAB I, final da década de 1970.]

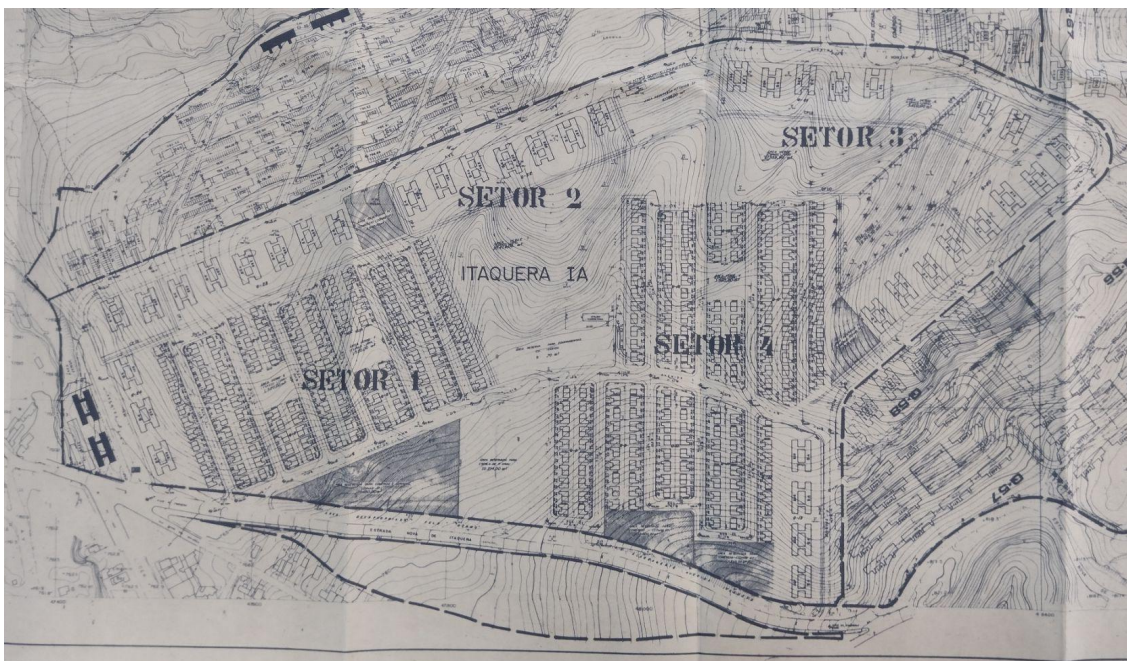
Desta forma, a produção de um conjunto urbano se dá por um processo de repetição da unidade-casa que cria a rua-corredor como um renque de construções idênticas³². A repetição das ruas, conjugada ao acréscimo das praças, gera o quarteirão-tipo. E os quarteirões-tipo justapostos dão noção de bairro a um espaço urbano composto sem qualquer complexidade além da repetição – tendente ao infinito – de um módulo habitacional básico.

³² O conjunto *pavillonnaire*, segundo Henri Lefebvre (LEFEBVRE, 1965).



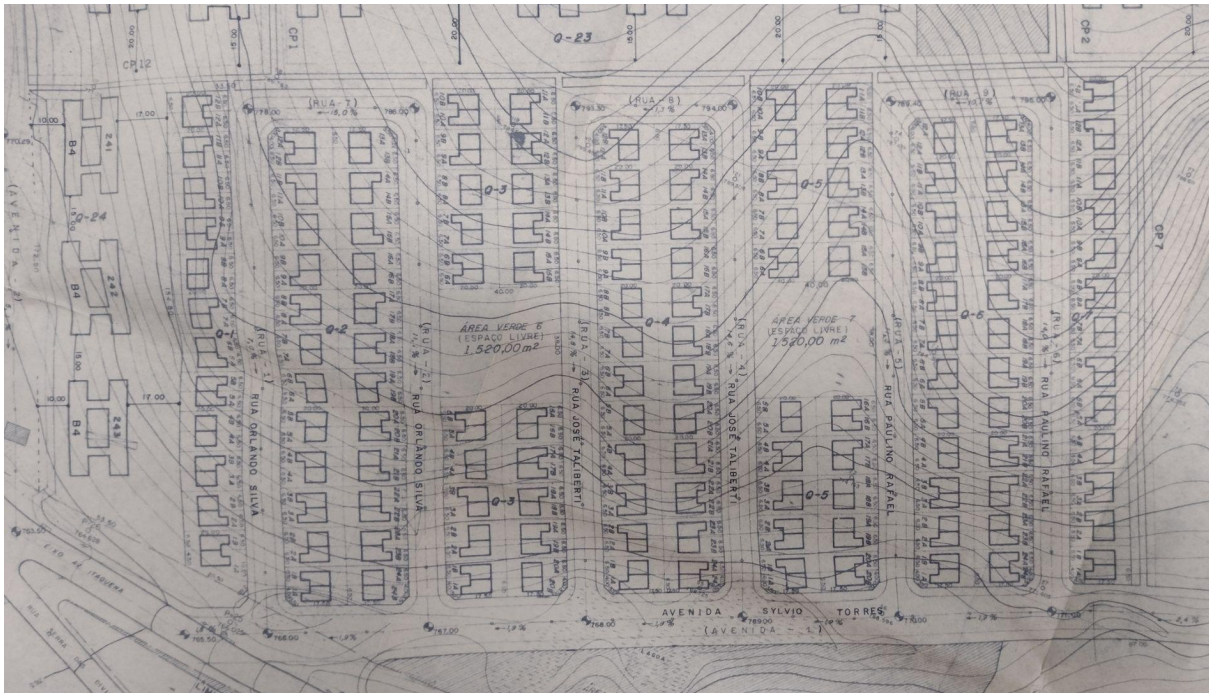
[Figura 10: rua de casas térreas recém construídas em Itaquera I, 1977-78]

Contudo, as casas térreas representam a menor parte do conjunto em área ocupada, e muito pouco no número de unidades totais. De todas as 12.506 unidades habitacionais produzidas, foram 11.856 apartamentos (94,8% do total) e apenas 650 casas (5,2%), contrariando, como vimos anteriormente, o resultado da pesquisa que apontava uma ampla preferência da população pela tipologia de casas térreas. Os loteamentos compostos por elas se concentraram exclusivamente na porção sul do complexo. É exemplar o grupo de residências térreas que ocupa seis ruas compondo cinco compridos loteamentos de dimensões aproximadas 160x40m.



[Figura 11: setor Itaquera I A, onde se localizam os quarteirões de casas térreas da COHAB I.]

Os quarteirões não possuem qualquer tipo de permeabilidade entre si à escala do pedestre, senão por duas praças quadradas dispostas simetricamente neste trecho específico que compõe o tecido urbano da COHAB. Olhando para a totalidade do conjunto Itaquera I-A, pode-se notar que o padrão das casas, dos quarteirões, das ruas em desenho de “U” (sem completar todo o perímetro da quadra) e até mesmo da praça quadrada se repete em outro bloco.

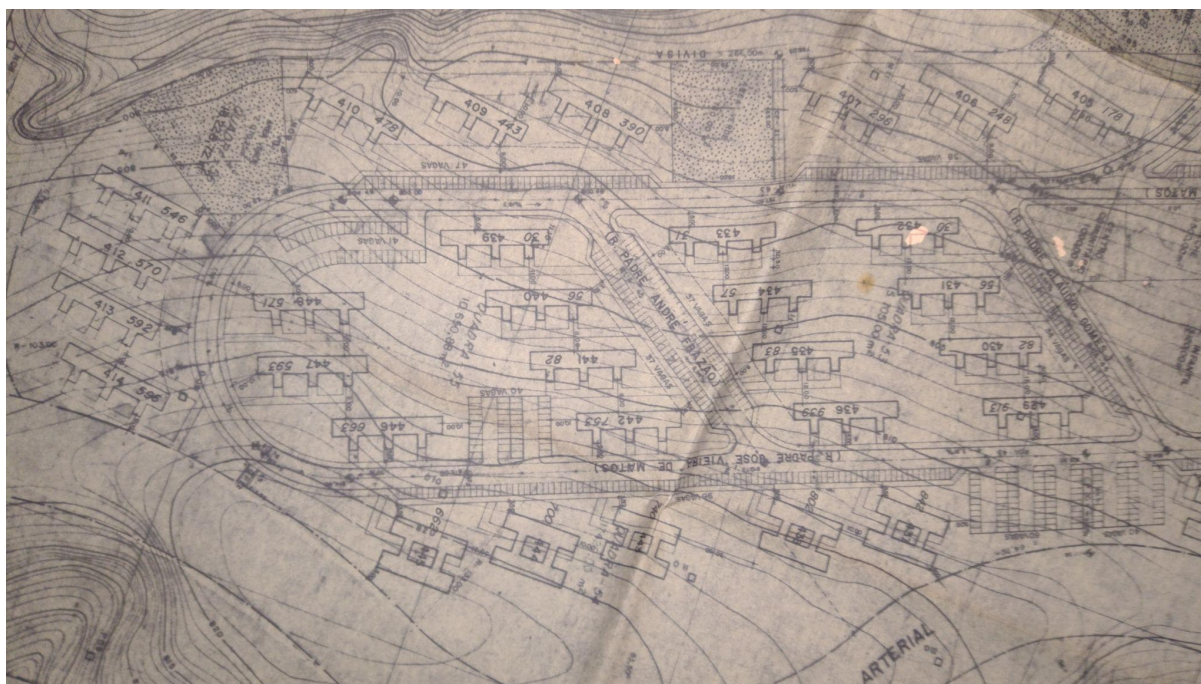


[Figura 12: Desenho de implantação de um quarteirão-tipo de casas térreas em Itaquera I.]

Os blocos das casas, seguindo a regra que se nota por todo o projeto do conjunto, não possuem relevante integração espacial com os edifícios, sendo apenas circundados por eles. Feita a implantação dos quarteirões residenciais e das infraestruturas e espaços livres que os acompanham, a área restante - notadamente as áreas de topografia acidentada, como mostram as curvas de nível nos desenhos da COHAB - ficou destinada à futura instalação dos equipamentos coletivos, sem a intenção de projeto para implantá-los de forma a compor o conjunto arquitetônico e urbanístico por critérios de qualidade espacial e urbana, caindo no extremo pragmatismo funcionalista da distribuição de zonas especializadas e monotipológicas, conforme a adequação à topografia encontrada, sem uma clara intenção de conjunto urbano.

Passando para a análise dos edifícios de apartamentos, que concentraram a grande maioria das unidades entregues pela COHAB, encontramos duas tipologias: as lâminas simples e duplas (tipo "H"). Ambas as tipologias foram historicamente utilizadas com frequência na produção de edifícios habitacionais de interesse social, uma vez que otimizam a distribuição de apartamentos, circulações e infraestruturas, bem como a orientação dos espaços quanto à iluminação e

ventilação naturais. Os dois tipos de edifícios estão distribuídos por todo o complexo, abrangendo diferentes categorias de ruas – desde ruas pequenas de circulação local até as vias maiores de estruturação urbana do conjunto. Não há clara distinção de densidade, fluxo ou outro tipo de hierarquia que determine claramente o critério para a escolha de uma ou outra tipologia em cada caso, e sua distribuição pelo terreno.

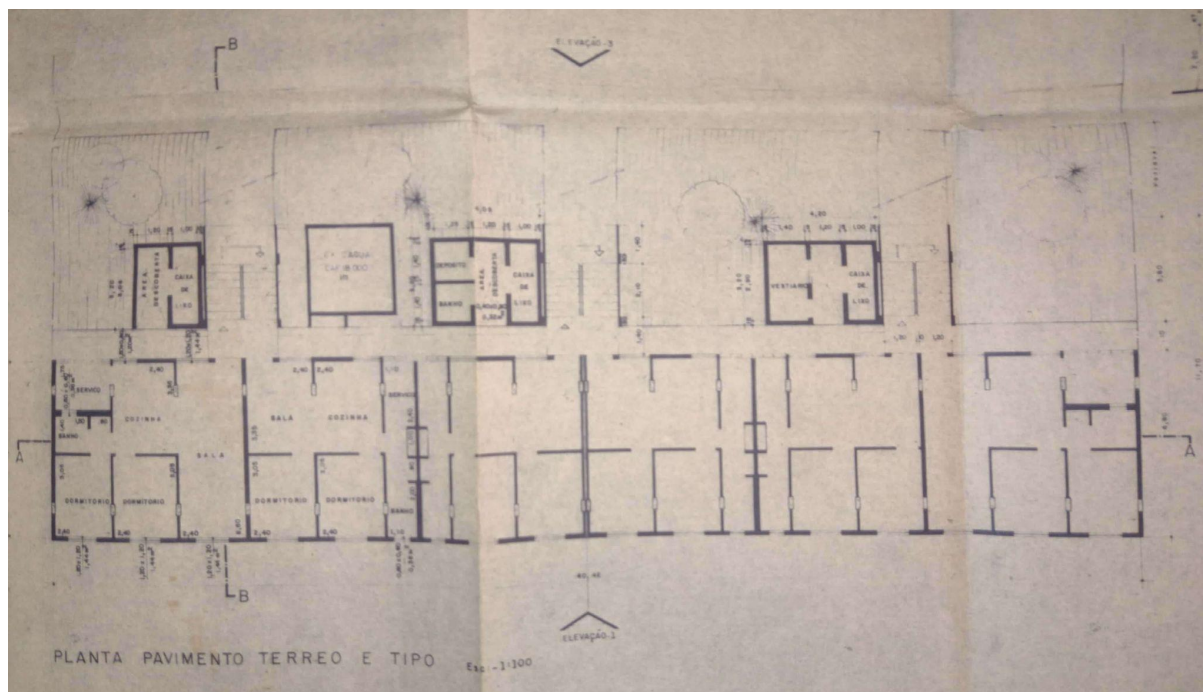


[Figura 13: Detalhe de implantação de edifícios e sistema viário em Itaquera I.]

O edifício-lâmina sugere formalmente uma relação próxima ao desenho viário, uma vez que sua implantação linear – com o comprimento muitas vezes maior que a largura – aproveita muito bem a ocupação do espaço estando o edifício paralelo ou perpendicular à rua que o acessa. Desta forma, quanto ao uso do volume arquitetônico como parte de uma paisagem urbana, as lâminas foram utilizadas onde houve necessidade de implantar o edifício melhor articulado às vias. É possível encontrar edifícios-lâmina posicionados nas mais diversas inclinações, acompanhando as ruas adjacentes; o edifício-H, por sua vez, está implantado invariavelmente com as principais faces fenestradas³³ orientadas no sentido leste-oeste, por claras razões de insolação. O trecho do conjunto destacado, onde a via pública forma um arco repleto de bolsões de estacionamento, é possível

³³ Faces com janelas abertas para salas de estar e dormitórios

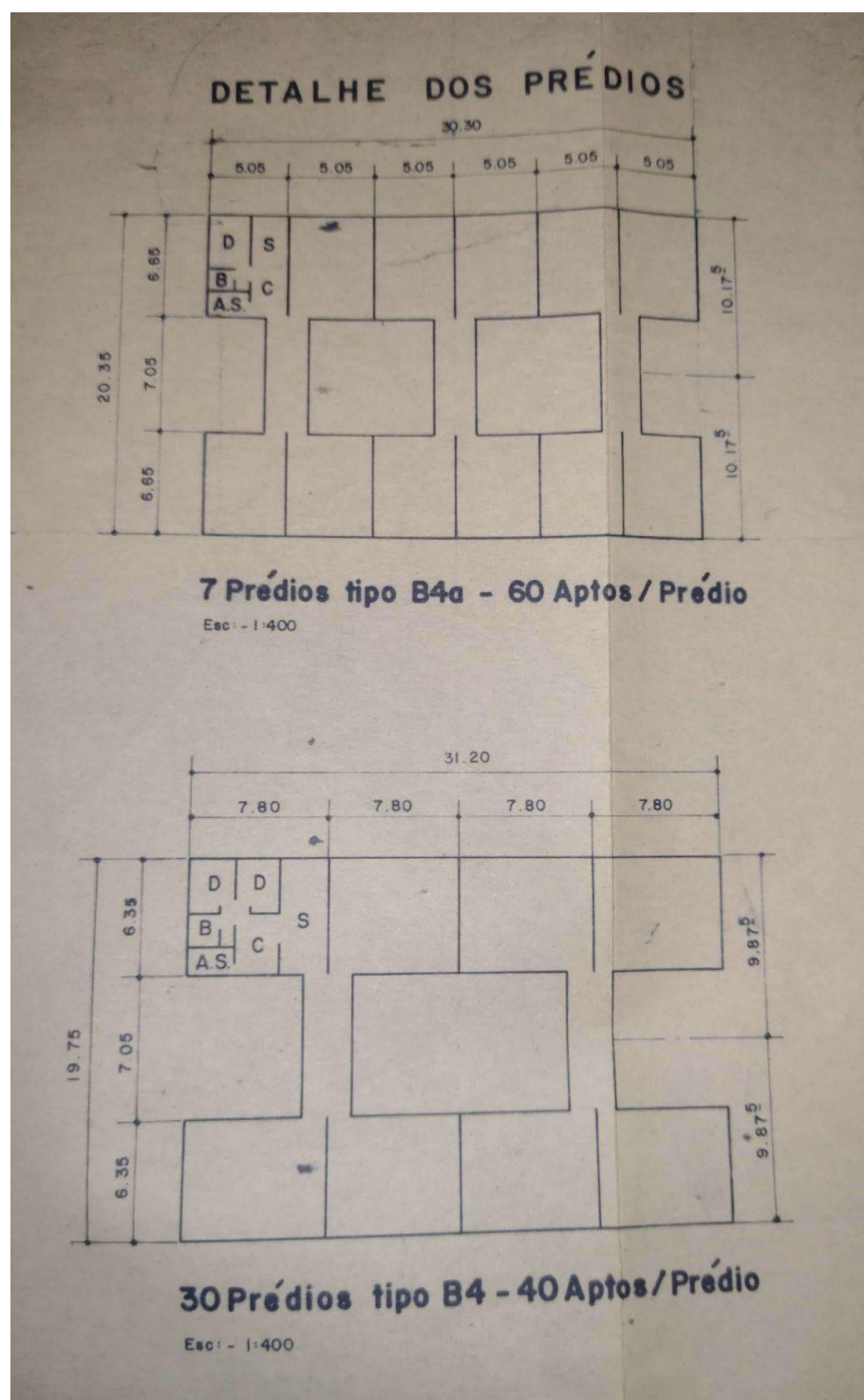
encontrar ambas as tipologias, com o edifício-lâmina aparecendo em ambas as orientações: tanto alinhados à rua, quanto alinhados ao trajeto solar, juntamente com os edifícios-H.



[Figura 14: Planta do pavimento-tipo do edifício em lâmina de Itaquerá I.]

Os edifícios-lâmina alocam 30 apartamentos, sendo 6 unidades por pavimento, servidas por três caixas de escada. A escolha pelo limite de 5 pavimentos se dá por ser a altura máxima permitida sem a necessidade de elevadores; mais uma vez, uma decisão arquitetônica aparece tomada pela lógica do máximo aproveitamento com o menor custo. Cada apartamento conta com um programa básico de sala de estar, cozinha, dois dormitórios, banheiro e área de serviço. Há duas configurações possíveis, com 46m^2 e 38m^2 .

No edifício como um todo, o corredor de circulação e acesso aos apartamentos se encontra em um dos lados maiores da lâmina, com as caixas de escada, que concentram também caixas d'água e serviços de descarte de resíduos. No lado maior oposto, estão as janelas que iluminam os dormitórios e salas de estar.



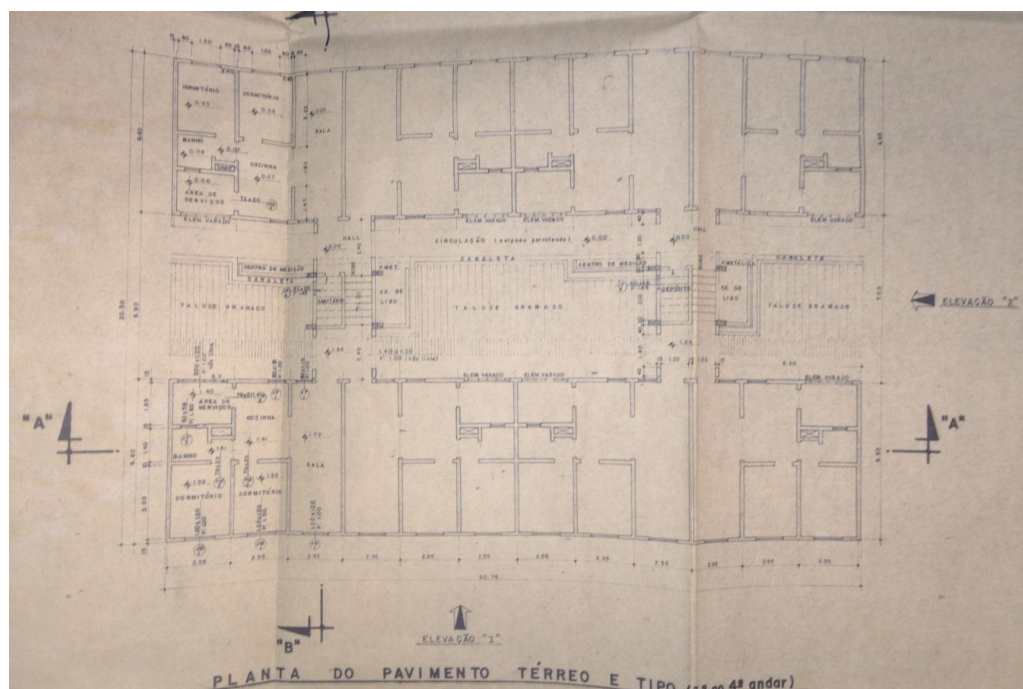
[Figura 15: Detalhe dos dois tipos de edifício-H de Itaquerá I.]

No caso dos edifícios-H, aparecem duas configurações: com 40 e 60 apartamentos ($49m^2$ e $33m^2$, respectivamente). Pela mesma restrição econômica do uso de elevadores, os “H” da COHAB possuem 5 pavimentos de altura, assim como as lâminas. No caso dos edifícios com 8 apartamentos por andar, 2 caixas de escada servem as unidades; nos edifícios com 12 apartamentos por andar, existem 3

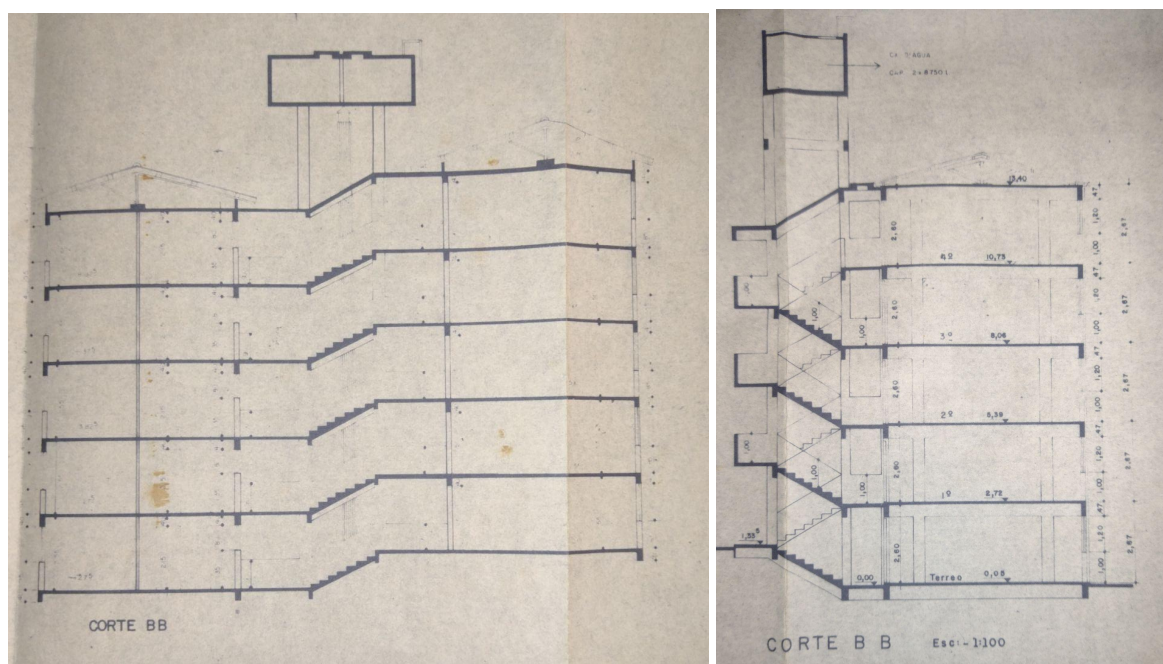
caixas de escada. A estratégia de alocar caixas d'água e locais para descarte de lixo juntamente às caixas de escada se repete nos edifícios-H, mostrando ser uma estratégia eficiente e racional de distribuição dos programas. Nas fachadas exteriores maiores do edifício estão posicionadas as janelas abertas para dormitórios e salas de estar, deixando as aberturas das áreas molhadas voltadas para o interior, bem como as circulações. A planta, espelhada em ambos os sentidos, sempre aparece implantada no terreno com as fachadas com janelas orientadas para leste e oeste, a fim de evitar que apartamentos tenham aberturas apenas em direção ao sul, sendo privados de luz solar direta.

Tanto nos edifícios-lâmina quanto nos edifícios-H, a regra geral do projeto arquitetônico e de sua inserção urbana é a austeridade formal pela economia de recursos. As esquadrias são janelas metálicas simples, sem qualquer traço do refino de desenho industrial que caracterizou a caixilharia das obras paradigmáticas da arquitetura moderna. Os apartamentos ocupam por inteiro todos os pavimentos, desde o térreo, não havendo no nível da rua qualquer transição entre os espaços de uso público e a intimidade privada das unidades realizado por pilotis ou usos mistos³⁴; como veremos adiante, outras estratégias foram aplicadas neste sentido. No interior dos edifícios não foram previstos espaços de socialização para a vizinhança. Ainda que a arquitetura moderna valorizasse terraços úteis e coberturas ajardinadas para o convívio comunitário, a restrição no orçamento parece ter impelido a equipe da COHAB a usar o tradicional telhado treliçado de madeira com telhas cerâmicas na cobertura dos edifícios, a fim de reduzir custos com impermeabilização e coleta de águas pluviais.

³⁴ Essa foi uma das principais queixas dos moradores quando da sua ocupação: os apartamentos do pavimento térreo diretamente voltados para espaços abertos e indefinidos



[Figura 16: Planta do pavimento-tipo de um edifício-H de Itaquera I.



[Figuras 17 e 18: Cortes transversais dos edifícios de Itaquera I, edifício-H - à esquerda - e edifício-lâmina - à esquerda.]

Na implantação dos edifícios no terreno acidentado utilizado pela COHAB, aparece uma interessante solução, articulada à circulação vertical. Um corte de terreno adequa os patamares intermediários das escadas à topografia. No

edifício-H, a solução possibilita desalinhar o nível de uma lâmina em relação a outra, fazendo com que todos os patamares intermediários da escada dêem acesso a apartamentos. Já nos edifícios-lâmina, o patamar intermediário da escada fornece o acesso à rua e os apartamentos estão em meio pavimento acima ou abaixo da entrada do edifício; desta forma, se promove algum tipo de transição planejada entre o espaço livre e a privacidade dos apartamentos.

A implantação das construções e vias públicas de acordo com as condições topográficas - lançando mão de operações de corte, aterro, taludes e platôs - parece ser a principal guia de ordenação do projeto urbano do conjunto. Como sugere a hipótese aqui apresentada da supremacia das metas econômicas sobre as intenções urbanísticas, as obras de terra feitas na COHAB Itaquera I foram projetadas para abrigar edifícios e vias que pudessem cumprir as metas previstas de número de unidades habitacionais com o menor custo financeiro possível. Os taludes restantes, nos quais não se poderia implantar nenhuma construção, compõem a maior parte dos espaços livres do conjunto e conformam a sua composição urbana geral, naquilo que se poderia chamar de “urbanismo de taludes”.



[Figura 19: Fotografia do conjunto Itaquera I, em finais de obras, 1977-78.]

O traçado do sistema viário busca, sempre que possível, vencer os desníveis do terreno em linhas de menor declividade. O caso das então nomeadas quadras 35 e 36 exemplifica a estratégia de implantação das ruas, deixando para o interior dos quarteirões as áreas de topografia mais acidentada, que seriam posteriormente alteradas para a inserção dos edifícios-tipo da COHAB. De acordo com a análise das folhas de projeto disponíveis no Acervo de Projetos da FAU USP, há apenas dois tipos de vias propostas: as ruas (7 metros de largura) e as avenidas (12 metros de largura). A pouca variabilidade demonstra o baixo grau de atenção que a equipe da COHAB destinou ao projeto de espaços livres em Itaquera I, sendo estes pouco mais do que a sobra de terreno após as obras de terraplenagem, vias públicas e edifícios.



[Figura 20: Trecho do desenho de implantação de quadras, vias e edifícios em Itaquera I.]

O restante do terreno, sobretudo áreas de declividade particularmente problemática para o aproveitamento por unidades habitacionais, foi utilizado para atingir as taxas exigidas de áreas verdes. Entende-se por áreas verdes praças e parques, como é comum encontrar nos bairros residenciais, ainda que na documentação encontrada não haja projetos para praças, apenas quadras e espaços residuais designados genericamente como “áreas verdes”

Ao fim da análise dos desenhos que compõem o projeto do conjunto, é possível ter clara a consequência espacial de todas as estratégias de projeto arquitetônico e urbanístico empreendidas pela COHAB e seu caráter predominantemente econômico. A COHAB Itaquera I é, no momento de sua inauguração, a realização espacial da modernidade. No entanto, é uma experiência parcial e segmentada, que ignora e renega a urbanização existente no entorno. Ao invés de buscar trazer sensações de urbanidade a uma região carente delas, o conjunto construído produziu relações urbanas baseadas em “grandes perspectivas e uma lógica abstrata homogeneizadora³⁵” radicalmente distintas daquelas pré-existentes, gerando uma fragmentação socioespacial que reforça ideias de guetificação e estigmatização.



[Figura 21: Aspecto geral do conjunto recém construído, 1977-78.]

2.2. CIUDAD KENNEDY - BOGOTÁ

O arquiteto colombiano Gabriel Andrade Lleras, em seu artigo para a revista Escala em 1963, inicia o seu texto argumentando que, a respeito do projeto então

³⁵ (RECAMAN; KERBER; CAZULA, 2022).

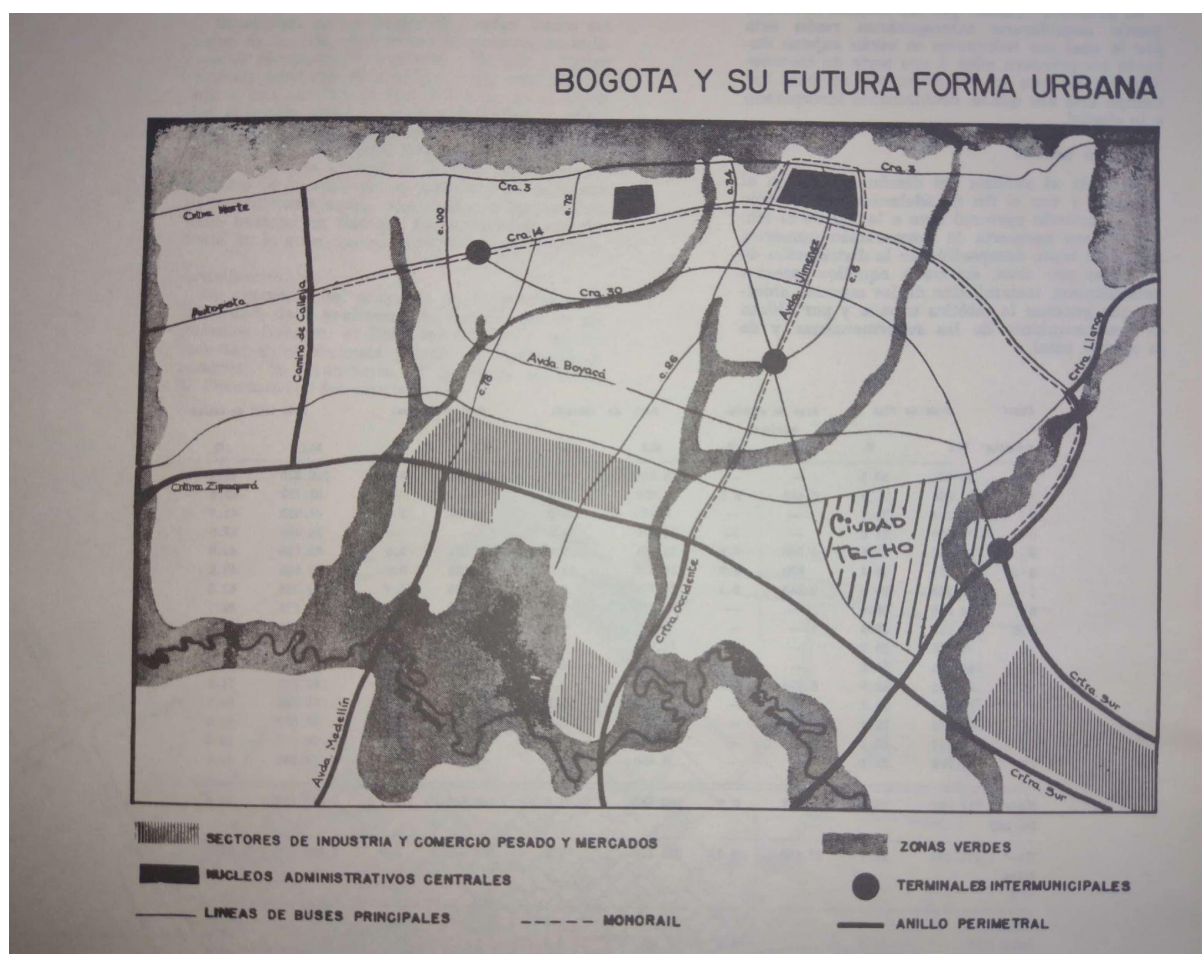
nomeado Ciudad Techo, “o termo cidade não passa de um nome um tanto pomposo para um desenvolvimento urbano qualquer”. A visão do autor é especialmente crítica ao projeto apresentado pelo Instituto de Crédito Territorial. Ainda segundo Lleras:

“A análise dos planos de Ciudad Techo, assim como dos usos de terreno propostos, não indicam razões para que exista como entidade humana [...] senão melhor manifesta a intenção de tratá-la como uma prolongação do crescimento urbano de Bogotá. Como consequência, prescindimos de agora em diante de considerá-la como uma cidade e sua análise deve ser feita em função da dependência direta da grande cidade, e não de forma separada.”³⁶

Assim como Andrade e Nogueira observaram no caso de Itaquera I, aqui Lleras parece particularmente preocupado com a inserção do novo conjunto na metrópole em acelerado crescimento e tardia provisão de infraestrutura. No artigo aparecem diversas críticas à insuficiência da estrutura de transporte existente para servir ao conjunto e sua futura população. A *localidad* Kennedy, em Bogotá, está localizada na periferia urbana da cidade, na região sul-ocidental, de terrenos mais baratos e rendas familiares mais baixas – em oposição ao valorizado norte-oriental bogotano³⁷. A escolha do local para implantação do conjunto, no entanto, tem menos relação com o baixo custo da terra e mais com o reordenamento urbano da região.

³⁶ Revista Escala, nº4

³⁷ (LÓPEZ, 1990)



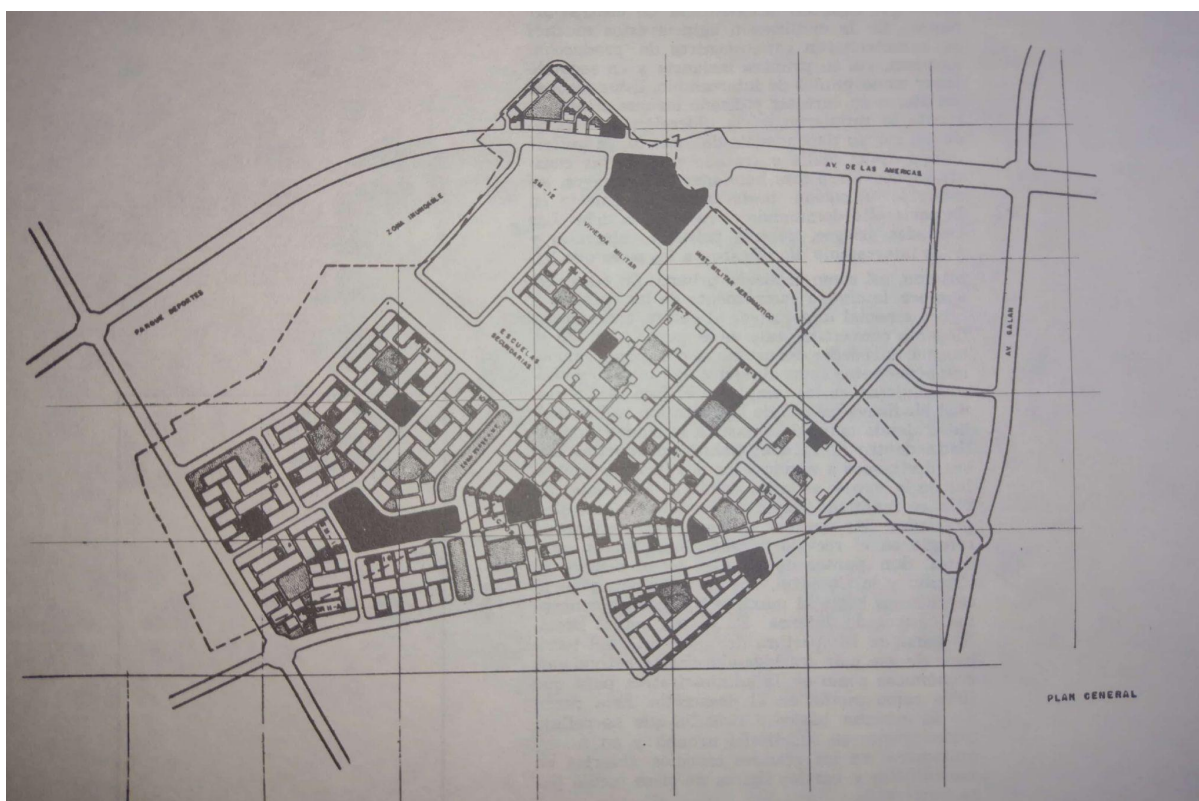
[Figura 22: Diagrama da estruturação metropolitana de Bogotá.]

O terreno de Ciudad Kennedy, até 1959, foi ocupado pelo antigo aeroporto de Techo - substituído pelo aeroporto El Dorado, de maiores dimensões e maior capacidade de operação, em adequação às necessidades do desenvolvimento da cidade. O aeroporto que existia no local deu o primeiro nome ao conjunto: Ciudad Techo. O nome “Kennedy” foi dado posteriormente, como vimos, em homenagem ao presidente estadunidense. Os arredores do aeroporto de Techo consistiam em uma ocupação suburbana esparsa, em loteamentos incipientes que progrediam desde o centro histórico da cidade - junto aos morros - em direção ao altiplano no qual se desenvolveu a metrópole bogotana.



[Figura 23: Foto do aeroporto de Techo, terreno do futuro complexo de Ciudad Kennedy, década de 1930.]

Analisaremos então o projeto que o Instituto de Crédito Territorial desenvolveu para o conjunto. É importante ressaltar que a equipe técnica do ICT tinha, na ocasião do projeto de Kennedy, um considerável conhecimento adquirido na área de conjuntos habitacionais populares. Os projetos em Los Alcazares, Muzú e Quiroga evidenciam a apropriação de princípios modernistas pelos arquitetos do Instituto, além de experiências em racionalização de materiais e sistemas construtivos, adequadas à realidade socioeconômica do país. Desta forma, em Ciudad Kennedy, o ICT apresentou a consolidação de uma trajetória institucional de ampla experiência prática e profunda reflexão disciplinar na produção de habitação social. Como argumenta outra edição da Revista Escala, Kennedy é a “obra que com maior exatidão reúne e define o trabalho do Instituto”.



[Figura 24: Planta geral de implantação do conjunto urbano de Ciudad Kennedy.]

O ordenamento urbanístico geral do conjunto se dá pelas 16 *supermanzanas*³⁸, projetadas como unidades de vizinhança contendo cada uma delas usos residenciais, comerciais, equipamentos e áreas verdes. Além das unidades residenciais, o projeto incluía 19 escolas públicas, 21 colégios privados, 2 bibliotecas, 1 refeitório com capacidade para 2 mil almoços por dia, 90 estabelecimentos comerciais, 1.292 lojas e oficinas e 10 restaurantes. O artigo publicado no número 4 da Revista Escala apresenta uma detalhada tabela de áreas que descreve a destinação dos 2.700.000 m² do terreno aproveitado pelo ICT. A presença de tantos dados numéricos reflete a importância dos aspectos quantitativos para o Instituto colombiano. Ainda que a leitura de Goossens e Andrade indique o aparecimento de preocupações de ordem qualitativa neste momento do ICT, a argumentação crítica de Lleras em seu artigo levará em conta as quantidades e porcentagem para questionar critérios de distribuição da densidade populacional e das áreas não-residenciais.

³⁸ Superquadras, em tradução direta ao português

Superman zana	Torreno para uso de vivienda M.2	Número de familias	Lote promedio por familia	
			M.2	V.2
1	129.080	987	130.78	204.34
2	60.516	1.078	56.14	87.72
3	58.103	413	140.68	219.81
5	79.155	608	130.19	203.42
6	114.214	882	129.49	202.33
6 A	78.248	567	138.00	215.62
7	98.979	1.454	68.07	106.36
8	161.724	1.277	126.64	197.88
9 B	55.454	472	117.49	183.58
10	72.600	577	125.82	196.59
11	73.238	682	107.39	167.80
12 A	32.190	354	90.98	142.07
13	56.120	762	73.84	115.06
14	86.480	677	127.74	199.59
15	47.240	374	126.31	197.36
16	52.200	410	127.30	198.90
Totales	1.255.541	10.574	118.74	185.53

[Figura 25: Tabela de distribuição áreas de terreno por família em Ciudad Kennedy.]

Super manzana	Area de vías		Area de estacionamiento		Area de escuelas		Area de parques		Area total de cesion	
	M.2	%	M.2	%	M.2	%	M.2	%	M.2	%
1	78.094	30.3	—	—	15.357	5.9	22.924	8.9	116.375	45.1
2	20.966	21.0	6.493	6.5	6.300	6.3	—	—	33.759	33.8
3	34.228	31.4	—	—	6.435	5.9	4.265	3.9	44.928	41.2
5	39.684	28.0	—	—	14.815	10.5	—	—	54.499	38.5
6	56.677	27.5	1.848	0.8	13.881	6.7	10.224	5.0	82.630	40.0
6 A	44.631	29.9	800	0.7	16.478	11.0	1.536	0.9	63.445	42.5
7	47.353	25.4	9.544	5.1	18.228	9.8	3.150	1.7	78.275	42.0
8	84.356	28.9	—	—	20.288	7.0	10.927	3.8	115.571	39.7
9 B	29.215	32.3	—	—	4.144	4.6	1.712	1.8	35.071	38.7
10	34.485	24.2	—	—	11.000	8.5	11.727	11.4	57.212	44.1
11	49.800	30.8	—	—	8.864	5.6	29.588	18.3	88.252	54.7
12 A	48.505	42.5	5.302	4.6	13.013	11.4	15.008	13.3	81.828	71.8
13	32.871	28.3	—	—	7.650	6.6	11.315	9.8	51.836	44.7
14	42.803	28.3	—	—	8.752	5.7	13.452	8.9	65.007	42.9
15	36.517	35.3	—	—	9.700	9.4	4.464	3.3	50.681	48.0
16	31.298	35.1	—	—	5.460	6.2	210	0.2	36.968	41.5
Totales M2	711.483	29.7	23.987	0.9	180.365	7.5	140.502	5.9	1.056.337	44.0
Totales V.2	1.111.692	29.7	37.480	0.9	281.820	7.5	219.534	5.9	1.650.526	44.0
Acuerdo 30 para R7e		21.4		3.6		4.7		12.3		42.0
para RM4		20.1		6.6		7.2		14.7		48.6

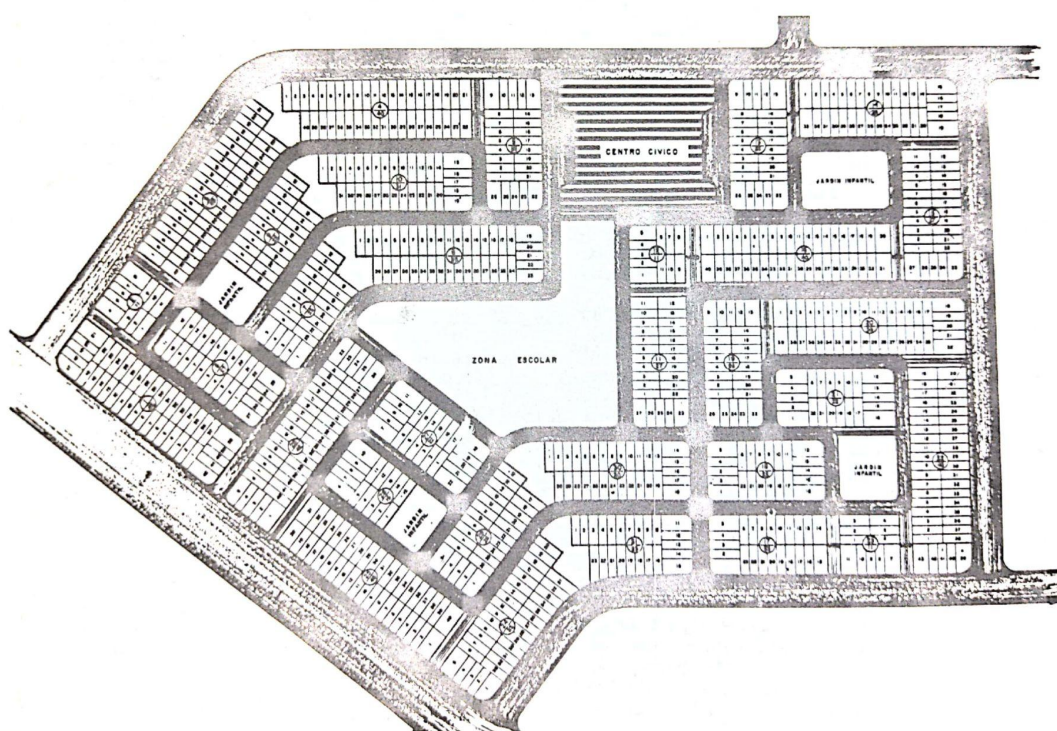
[Figura 26: Tabela de áreas e usos, em números absolutos e percentuais, do projeto para Ciudad Kennedy.]

São criticados no artigo em questão a distribuição de áreas coletivas em relação à densidade habitacional das *supermanzanas*. Em alguns casos, quadras mais populosas recebiam proporcionalmente áreas menores de usos coletivos. Não parece especialmente problemático, no entanto, supor que vizinhos caminhem até outra *supermanzana* para acessar praças e equipamentos públicos. Com base nas informações e relatos disponíveis, não é possível saber com exatidão a intenção – ou ausência de intenção – desta decisão por parte dos técnicos do ICT. Mas pode-se imaginar que o estímulo à circulação dos habitantes entre diferentes *supermanzanas* tenha sido uma estratégia para garantir o dinamismo e evitar o isolamento dentro do conjunto.

Mais do que as áreas numéricas destinadas aos usos coletivos, é importante ressaltar o projeto urbanístico para elas e a sua disposição intencional na composição do conjunto urbano. Estas áreas não são meramente sobras de terreno após a implantação do programa “útil”, mas sim um componente importante no projeto geral do complexo, articulando setores internos das *supemanzanas* e – enquanto espaço livre – dando noção de conjunto ao espaço construído. Ainda que

equipamentos, praças e jardins não tenham recebido projeto específico por parte do ICT, o uso e o caráter de cada um deles está especificamente discriminado no projeto; é possível ler nos desenhos diferenciações de equipamentos (centro cívico, zona escolar) e áreas verdes (parque³⁹, jardim infantil).

As vias internas das *supermanzanas* foram idealizadas como ruas de predominância peatonal, mantendo a circulação majoritária de veículos nas vias entre elas. Mesmo entre as ruas externas às quadras, há diferentes tipos de vias, variando largura, usos e características. Cria-se assim uma hierarquia viária que funciona como ferramenta de identificação do caráter do espaço público. Pela diferenciação das ruas e avenidas, seria possível ao frequentador – a pé ou em automóvel – reconhecer transições do espaço de escala metropolitana ao espaço de escala vicinal.



[Figura 27: Detalhe de *supermanzana* de casas térreas em Ciudad Kennedy.]

Foram construídas 9.939 unidades habitacionais, com uma importante diversidade de tipologias, modelos de construção e formas de aquisição, visando

³⁹ Por observação do contexto e das dimensões, a palavra “parque” pode ser melhor traduzida como “praça”, no vocabulário urbanístico brasileiro

integrar diversos setores produtivos na construção de um conjunto socialmente diversificado. Deste total, a maior parte se refere às residências unifamiliares: 7.902 unidades (79,5% do total). As residências se dividem em dois tipos, dois projetos arquitetônicos distintos para duas modalidades de aquisição da unidade, destinados a diferentes faixas de renda.

A primeira categoria consistia numa estratégia de facilitação de acesso às camadas de baixa renda. Nela, o ICT vendia ao proprietário o lote urbanizado – isto é, com infraestrutura de abastecimento e em via pública pavimentada – e, conjuntamente, cedia um empréstimo e apresentava um projeto-tipo desenvolvido pela equipe. A partir de então, o proprietário assumia a responsabilidade de iniciar obras em até 60 dias e passar a ocupar o imóvel em até 1 ano, acompanhado pelos serviços de assistência do ICT. O uso do sistema de autoconstrução, com os moradores prestando mão-de-obra, era o principal fator da redução de custos. Mesmo com os problemas do aproveitamento do trabalho não remunerado, o Instituto apostava no envolvimento da população nas obras como condicionante de uma integração comunitária das famílias recém-chegadas ao novo conjunto. A participação da assistência técnica e social no processo também era tida como fundamental para o sucesso da ocupação do conjunto, evitando uma urbanização desordenada, irregular e insalubre. O apoio social também era importante para a comunidade:

“[...] estes aspectos são valiosos dentro dos programas do Instituto uma vez que não se limita ao subsídio de habitação, considerado como um elemento físico, senão que aspira oferecer à família e ao conjunto de habitantes em ambiente adequado o normal desenvolvimento da vida.”⁴⁰

Há relatos também de participação da assistência social do ICT na organização de atividades coletivas de limpeza urbana e jardinagem, além de incentivo à organização de associações de moradores – mães, jovens, grupos escolares – e campanhas educativas de saúde pública, alimentação e alfabetização.⁴¹

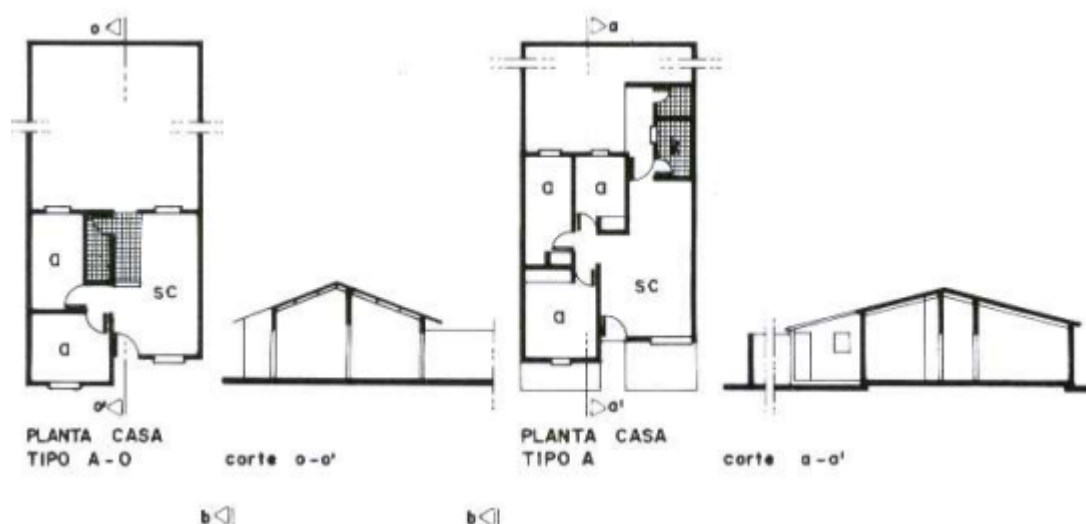
⁴⁰ Revista Escala, nº7.

⁴¹ Revista Escala, nº7.

O projeto padrão para residências desta modalidade foi nomeado como “tipo A” – e sua variante reduzida, “tipo A-0”. O programa mínimo conta com cozinha, banheiro, sala de estar e 3 dormitórios; a versão reduzida possui apenas 2 dormitórios, conservando o restante dos programas. Todas as residências possuem quintal posterior, no restante do lote, uma vez que a casa está implantada junto à calçada, sem recuo frontal. A opção por aproximar as residências da rua segue uma tradição urbana, importada pelos colonizadores espanhóis, de valorização da rua pela presença constante de janelas e portas dando vista e fazendo dela um espaço público dinâmico.



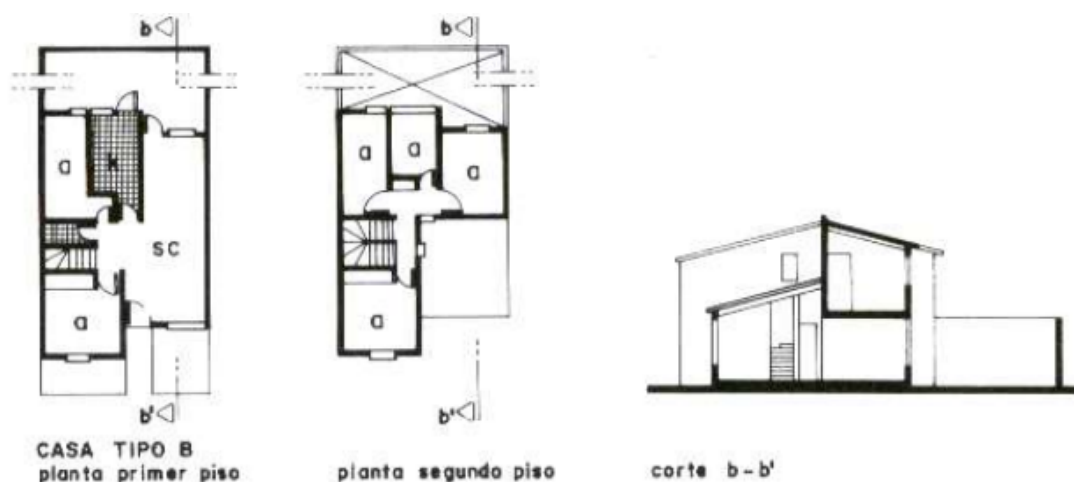
[Figura 28: Foto de uma rua típica no centro de Bogotá, década de 1930.]



[Figura 29: Plantas e cortes das residências tipo A de Ciudad Kennedy.]

A segunda modalidade de aquisição das casas unifamiliares era destinada às faixas de renda mais altas dentro do programa de habitação popular. As casas “tipo B” foram entregues já completamente construídas assobradadas – em dois pavimentos –, tornando mais complexos e menos necessários posteriores acréscimos. O programa básico da habitação, assim como as casas tipo A, contava com sanitário, cozinha e sala de estar. Chama a atenção a quantidade de dormitórios disponíveis, são 6 quartos por unidade. É possível imaginar que os arquitetos responsáveis pelo projeto tenham desejado promover espaço e privacidade para as famílias grandes da época e do estrato social em questão. No entanto, é provável que, em muitos casos, dormitórios excedentes tenham sido transformados em espaços de diversos usos.

Neste segundo caso, a aquisição dos imóveis era feita seguindo o modelo que o Instituto de Crédito Territorial chamava de *plan terceras partes*, somando-se: o empréstimo do ICT, o capital familiar e o patrocínio de uma empresa ou agente privado. Da mesma forma como ocorria nas casas tipo A, por redução de custos e integração comunitária, os próprios moradores aplicavam sua mão-de-obra na construção em seu tempo livre.



[Figura 30: Plantas e corte das residências tipo B de Ciudad Kennedy.]

Os projetos desenvolvidos pela equipe do ICT são arquitetonicamente simples, sem grandes complexidades construtivas estruturais, para possibilitar que os moradores os construíssem de forma racionalizada orientados pela assistência técnica. Com base nas plantas e cortes disponíveis no estudo do INURBE (*Instituto Nacional de Vivienda de Interés Social y Reforma Urbana*), é possível notar que paredes, lajes, coberturas, esquadrias e escadas seguem um padrão racional de disposição. A simplicidade de projeto, no entanto, não negligencia a qualidade do desenho arquitetônico e a importância da unidade-casa na configuração do espaço urbano.

O alinhamento das residências com a rua e a justaposição delas sem recuos laterais cria a noção coletiva de um conjunto de formas urbanas reconhecíveis na tradição cultural colombiana. As fachadas junto a calçada criam a sensação de continuidade e unidade do renque de residências e um pequeno recuo na face onde se encontra a porta principal fornece a privacidade necessária ao acesso sem criar um isolamento anti-social; pelo contrário, tira a monotonia do plano das fachadas e dá dinamismo ao volume construído, juntamente às esquadrias.



[Figura 31: Aspecto geral das *supermanzanas* de casas unifamiliares recém construídas em Ciudad Kennedy, 1964.]



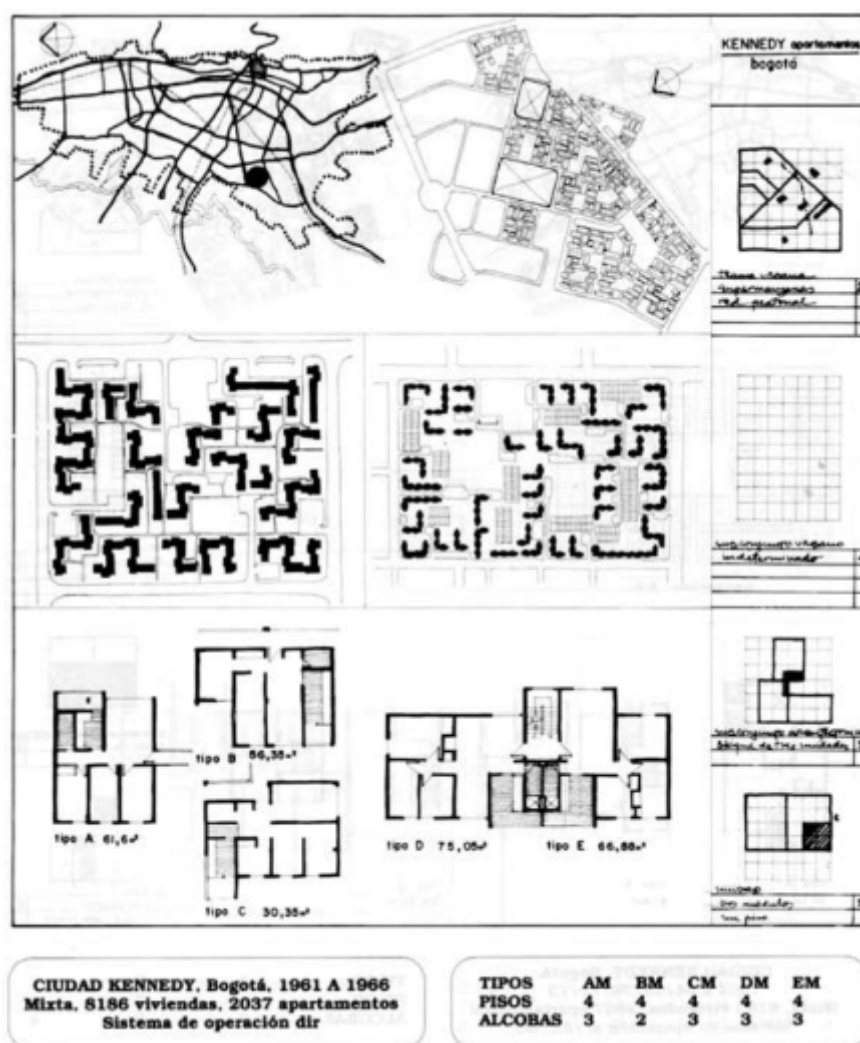
[Figura 32: Aspecto geral das *supermanzanas* de edifícios recém construídos em Ciudad Kennedy, início da década de 1960.]

Quanto ao projeto dos edifícios, a terceira tipologia de Ciudad Kennedy, chegamos a outra forma de construção e aquisição das unidades. As obras dos edifícios de apartamento foram executadas por construtoras privadas, pela complexidade da construção de um edifício em altura, que requer maquinário e instrumentos específicos e mão-de-obra especializada para operá-los. Os 2.037 apartamentos construídos (20,5% das unidades totais do complexo projetado) se localizam em edifícios dispostos em duas *supermanzanas* do conjunto. Os edifícios possuem 5 pavimentos arquitetonicamente distintos, criando uma diversidade de situações a partir de cinco diferentes apartamentos-tipo. A restrição de altura se deve presumivelmente à indisponibilidade de elevadores, pela economia de recursos para a faixa de renda alvo.



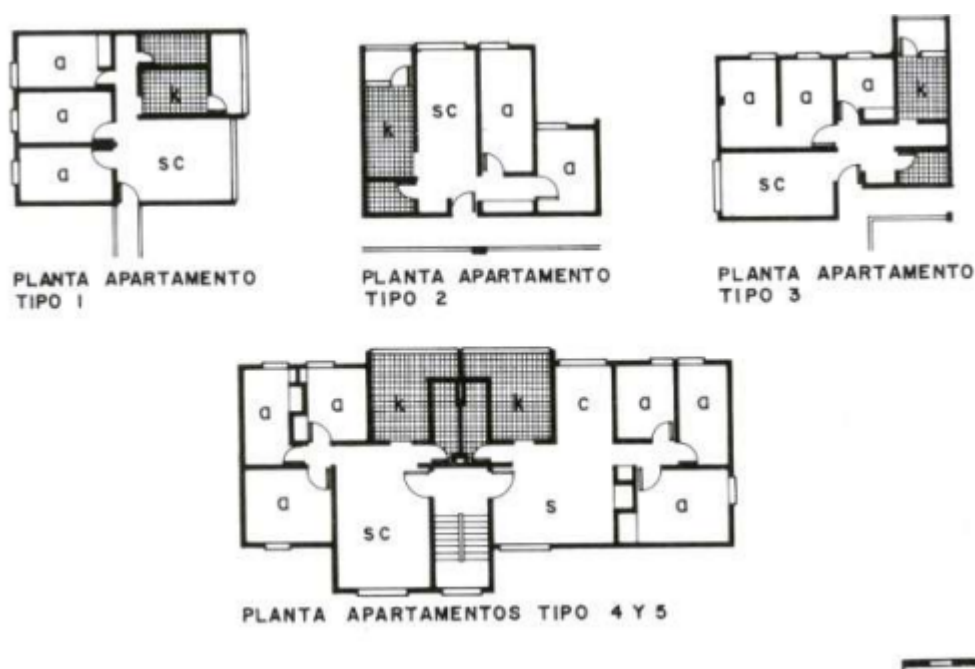
[Figura 33: Foto da construção dos edifícios de Ciudad Kennedy, junto a uma propaganda do programa Aliança Para o Progresso, início da década de 1960.]

A implantação dos edifícios no terreno se dá em uma disposição serpenteada, criando dentro das *supermanzanas* algumas interessantes situações espaciais de praças coletivas de diversos tamanhos. Estas áreas, de caráter comunitário semi-público, realizam transições sutis entre o espaço completamente público das avenidas até o espaço íntimo do interior do edifício. Ainda no interior das *supermanzanas* de edifícios, foram destinadas áreas de estacionamento público - em forma de bolsões - e de uso comercial e institucional, trazendo diversidade de usos e frequência de circulação a estes espaços intra-quadras.



[Figura 34: Detalhes de implantação dos edifícios de Ciudad Kennedy nas *supermanzanas*, plantas tipo dos apartamentos de Ciudad Kennedy.]

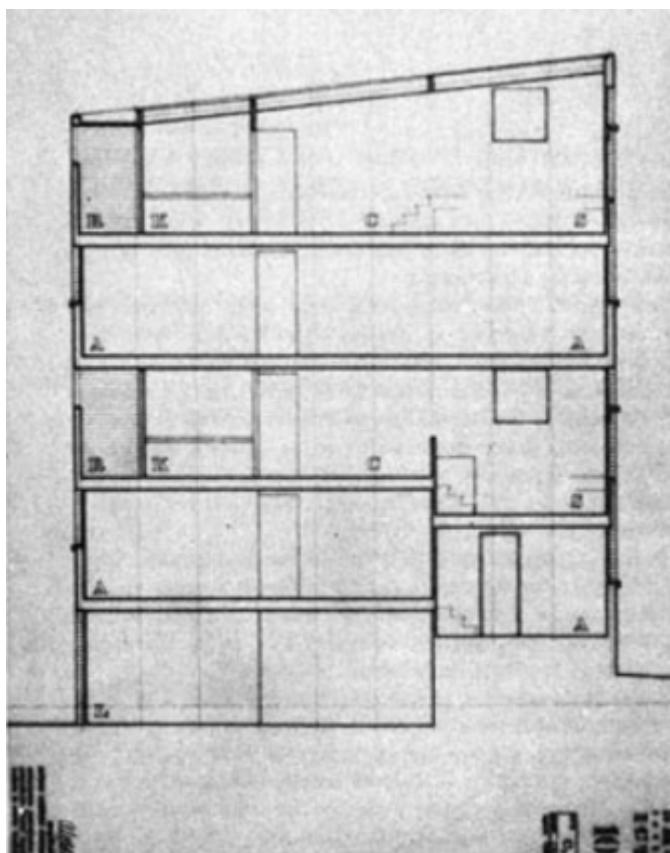
Ao longo dos corredores dos edifícios, estão dispostos apartamentos em cinco diferentes plantas, que variam entre 2 e 3 dormitórios. Todos os apartamentos possuem cozinha, banheiro, área de serviço e sala de estar, além de uma varanda oferecendo aos moradores uma abertura para o exterior onde se pode tomar sol e ter vista para o restante do conjunto. Os dormitórios, em todas as plantas, estão posicionados todos lado a lado, facilitando alterações posteriores – junções e desmembramentos – em função das necessidades particulares de cada família. A orientação das janelas dos dormitórios, bem como do restante dos ambientes, não possui critério claro em relação à iluminação natural, uma vez que na latitude de Bogotá a direção do sol varia de Norte a Sul ao longo do ano – o posicionamento geográfico da cidade possibilita a flexibilidade de orientação solar.



[Figura 35: Plantas-tipo dos apartamentos de Ciudad Kennedy.]

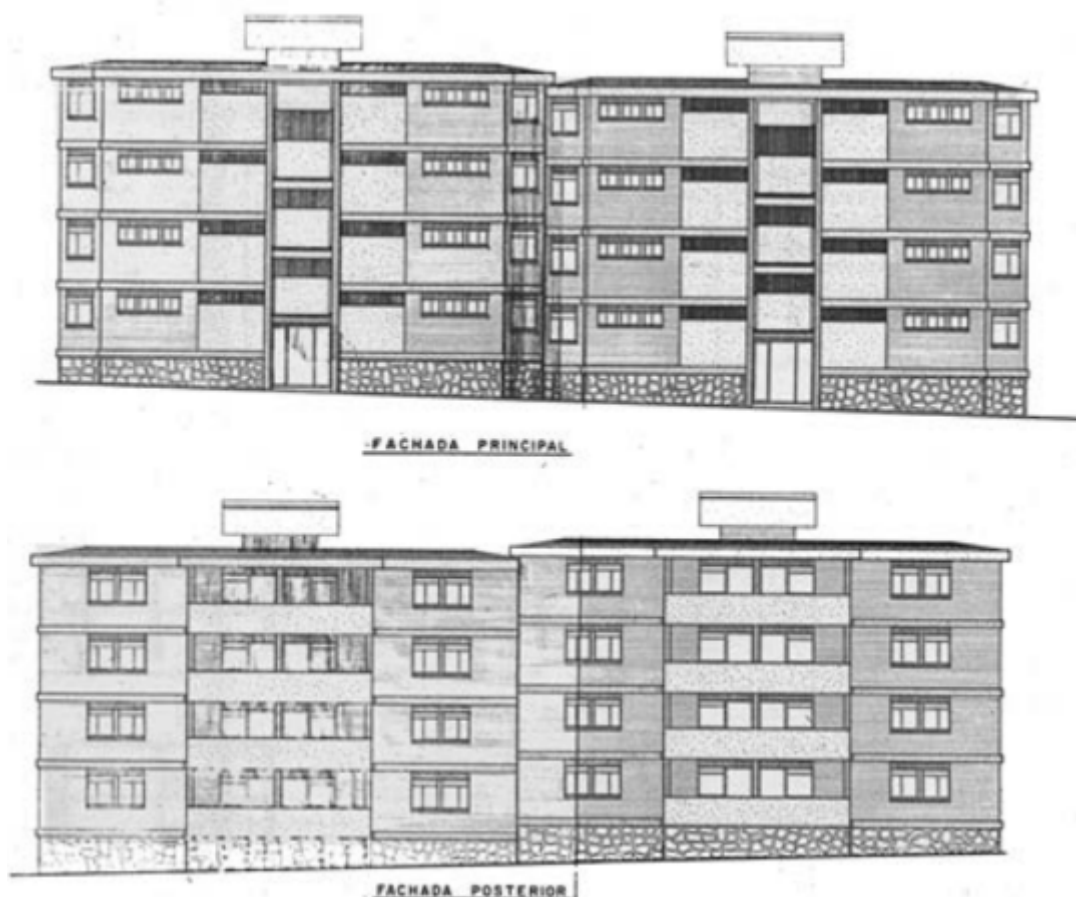
A análise do corte transversal do edifício tipo revela, assim como ocorre nas casas de Ciudad Kennedy, simplicidade construtiva e estrutural com refino no desenho arquitetônico. Assim como foi visto nos edifícios da COHAB, há uma estratégia de adequação topográfica para o patamar intermediário da caixa de escadas, onde se dá o acesso aos apartamentos. No caso de Kennedy, contudo, a solução arquitetônica dos patamares vai além, criando meios níveis internos e diferenças de pé-direito no interior dos apartamentos. O refino no desenho arquitetônico demonstra o interesse da equipe técnica – assim como do próprio ICT

- em qualidade espacial, para além do cumprimento de metas programáticas e orçamentárias.



[Figura 36: Corte transversal do edifício de Ciudad Kennedy.]

O aspecto da fachada dos edifícios evidencia o detalhe dos meios níveis como visto no corte, com uma prumada central desalinhada em relação aos eixos horizontais estruturantes da composição da fachada. Também é possível notar a opção por dar aos edifícios um exterior visualmente interessante pela diversidade de materiais – embasamento em pedra; revestimentos e acabamentos diversos em paredes, pingadeiras e frisos – e pela variação nas dimensões das esquadrias. O desenho da volumetria destacada das caixas d'água também contribuem para um conceito moderno antidogmático. Este modernismo revisto, permeado de proposições advindas da cultura arquitetônica colombiana, corrobora a visão de Goossens e Andrade que retrata o ICT – em sua atuação na produção arquitetônica colombiana – como a consolidação de um pensamento alinhado ao movimento moderno internacional e, ao mesmo tempo, crítico relevante deste movimento e ator importante no desmonte das ideias modernistas ortodoxas no país.



[Figura 37: Desenhos das fachadas principais do edifício de Ciudad Kennedy.]

Ao fim da construção de Ciudad Kennedy, o conjunto combinava, dentro do programa da habitação coletiva de interesse social, o pragmatismo do órgão estatal e racionalidade da arquitetura moderna – desde a distribuição de espaços, usos e funções até a escolha de sistemas construtivos e materiais – com as formas tradicionais de produção do espaço – isto é, a autoconstrução – e as formas urbanas históricas reconhecíveis – as ruas habitadas por portas e janelas e conformadas pelo gabarito dos sobrados, os espaços coletivos intra-quadra e as vielas peatonais.



[Figura 38: Aspecto de uma rua, habitada por casas e edifícios, em ciudad Kennedy, início da década de 1960.]

PARTE 3: A VIDA COTIDIANA E O SENTIDO DAS TRANSFORMAÇÕES NA (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO

A população chegada aos conjuntos habitacionais recém inaugurados se deparou, tanto em Kennedy quanto em Itaquera, com um espaço urbano muito diferente daquele onde aprenderam por décadas a desenvolver suas relações sociais, atividades produtivas e expressões culturais. O conjunto moderno é radicalmente distinto da cidade tradicional latinoamericana; outras lógicas de apropriação do espaço passaram a reger suas vidas cotidianas. Em um momento histórico de intenso êxodo rural na América Latina, ambos os conjuntos chegavam a receber famílias campesinas que não estavam adaptadas sequer ao contexto metropolitano de São Paulo e Bogotá.

Ao longo da trajetória dos conjuntos habitacionais modernos durante as décadas posteriores à sua construção, é possível encontrar casos dos mais diferentes destinos que tomaram esses conjuntos. Muitas vezes esses novos espaços fracassaram em abrigar uma comunidade socialmente coesa e sucumbiram ao abandono, à degradação física e à proliferação do crime e do consumo de drogas. Entre os casos mais emblemáticos da decadência do grande conjunto moderno está o Pruitt Igoe (Saint Louis, Missouri, EUA), que chegou a ser demolido em 1972, após se tornar uma cicatriz urbana violenta e perigosa em uma sociedade marcada pela segregação racial e pelo desamparo social⁴².

Os dois conjuntos aqui estudados, no entanto, são particularmente interessantes por duas razões em especial. Por um lado, Ciudad Kennedy e COHAB I não são sucessos renomados da arquitetura moderna, não figuram entre os principais pontos turísticos de suas cidades, não são bens do patrimônio histórico reconhecidos e protegidos e suas casas e apartamentos não são alvos de interesse especial do mercado imobiliário. Por outro, tampouco são hoje bairros decadentes, violentos, perigosos, segregados ou estigmatizados.

Para além do que poderiam prever os seus projetos originais – frutos das potencialidades e limitações técnicas das equipes do ICT e da COHAB – os conjuntos foram transformados pela necessidade e pela inventividade dos seus ocupantes.

⁴² (FRISHBERG, 2013)

Nas periferias de São Paulo e Bogotá – duas metrópoles latinoamericanas marcadas por contradições e desigualdades – os dois conjuntos prosperaram. Se tornaram bairros populares, vivos e diversos, integrados ao seu entorno e à sua metrópole.

Nesta terceira parte deste trabalho, serão analisadas as transformações, reconfigurações e ressignificações empreendidas no espaço dos conjuntos pelos diversos agentes sociais atuantes. Nas últimas décadas, inovações de toda ordem afetaram São Paulo e Bogotá, bem como suas periferias e os dois conjuntos objetos deste estudo. Assim, as apropriações espaciais que transformaram os conjuntos são observadas à medida em que se apresentam como reflexos ou contradições com o contexto histórico geral no qual se desenvolveram.

3.1. A COHAB I E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Desde o final dos anos 70, a sociedade brasileira passou por diversas transformações de ordem social e econômica. Na periferia leste de São Paulo, a população da COHAB Itaquera I não ficou isenta destes processos, alterando em grande medida as suas características demográficas, suas formas de organização comunitária, seu padrão de consumo e sua cultura de apropriação do espaço. Sistemáticamente, podemos traçar a história das transformações espaciais do conjunto Itaquera I em três grandes etapas, alinhadas a momentos históricos do contexto metropolitano e nacional: a formação de uma identidade cultural periférica dos anos 90, a ascensão econômica das classes médias da década de 2000 e os investimentos associados à Copa do Mundo de Futebol na década de 2010.

Desde os estudos prévios realizados pela Companhia Metropolitana de Habitação, a problemática que preocupava os técnicos envolvidos no empreendimento era o acesso ao conjunto pelas infraestruturas de transporte de massa. A estação Artur Alvim, da linha 3 – Vermelha do metrô de São Paulo, só foi inaugurada em 1988, uma década após o início da entrega das unidades pela COHAB. Durante 10 anos, a população recém-instalada no conjunto sofreu com as precárias condições de transporte metropolitano, suprido apenas pelos trens antigos de baixa capacidade e pelos ônibus da antiga CMTc (Companhia Municipal de Transportes Coletivos).



[Figura 39: antiga parada de trem de Artur Alvim, com a COHAB Itaquera I em construção ao fundo,



[Figura 40: Foto de Itaquera um nos primeiros anos de sua ocupação, 1978-79.]

O projeto do metrô chegando à periferia da Zona Leste, como previa o planejamento municipal, trouxe consigo obras de infraestrutura em saneamento, canalização e a construção da Avenida Radial Leste. Em depoimento, Roberto Mac Fadden, explica que o metrô foi fundamental para a transformação radical da região de Artur Alvim ao integrar as obras planejadas pela administração municipal. Assim, na virada entre a década de 80 e 90, a COHAB Itaquera I começou a receber os aportes de infraestrutura e serviços públicos que a integrariam à

metrópole paulistana em acelerado crescimento, encerrando o inicial isolamento urbano e social que os primeiros ocupantes do conjunto experimentaram.

Concomitantemente, surgiam nas periferias de São Paulo uma variedade de movimentos culturais populares que tinham como objetivo questionar a política urbana de segregação social e a violência policial que atingia a população periférica - especialmente negra - dos conjuntos habitacionais e favelas. As letras da música RAP do período abordam frequentemente essas questões; a canção “Periferia é Periferia” - do grupo Racionais MC’s - é uma das muitas obras culturais que retrata a identidade periférica nascente naquele momento, fortemente vinculada a ideia de resistência contra a violência, as drogas e o estigma social.

Um dos primeiros equipamentos públicos conquistados pela população local foi a construção da Praça Dilva Gomes Martins, pleiteada pela Associação de Mutuários e Moradores junto à gestão municipal de Jânio Quadros e finalizada sob a administração de Luiza Erundina. A praça contava com um palco para apresentações artísticas públicas, demonstrando a importância do programa cultural na vida social do conjunto, nomeado como “Morceção” - em alusão à forma e à cor da cobertura que então existia sobre o palco. Anteriormente à construção da praça, o terreno destinado a áreas verdes pelo projeto estava ocupado pela prática do futebol amador, que se transferiu a outros gramados com a chegada da nova praça.

A história desta praça em particular é especialmente exemplar da intensidade dos movimentos sociais atuantes na COHAB I. Um jornal de moradores, chamado “O Bloco” circulava em finais dos anos 80 e anunciava a conquista da praça a ser construída. O nome oficial da praça homenageia uma moradora notável do conjunto, engajada na comunidade religiosa local, já falecida na ocasião da inauguração. Tanto a praça quanto o jornal local, a preexistência dos times amadores de futebol e os relatos de moradores fortemente participantes das associações comunitárias, são bons indícios da vida associativa intensa e rica - já antevista e preconizada no documento “População Cohabense” - que possibilitou à população organizar-se e atuar na transformação do território de forma a torná-lo cada vez mais adequado às suas necessidades reais negligenciadas pelo projeto original.



[Figura 41 – Página do jornal “O Bloco”, 1987.]

As atividades culturais realizadas no Morcegão da Praça Dilva Gomes Martins renderam frutos que ecoam até hoje na vida social do conjunto. É o caso do rapper Rincon Sapiência, nascido e criado na COHAB 1, que iniciou sua carreira se apresentando ali aos 15 anos⁴³ – por volta do ano 2000 –, e hoje figura entre os principais nomes do rap nacional. O rapper faz menções frequentes em sua obra ao conjunto onde cresceu, tendo gravado ali o seu videoclipe de maior sucesso (Ponta de Lança) e sendo reconhecido e reverenciado pelos moradores como um expoente da cultura local.

⁴³ Moretti, Juliene. “Da Cohab para os palcos, Rincon Sapiência é revelação do rap”. *Veja São Paulo*. 15 de Dezembro de 2017

O protagonismo feminino na vida comunitária dos primeiros anos de Itaquera I foi observado por Damiani em sua pesquisa no local. Enquanto a população masculina passava a maior parte do dia ocupada em seus empregos – sobretudo na indústria –, o conjunto se tornava aquilo que a autora definiu em 1993 como “cidade de mulheres”. As mulheres da COHAB, envolvidas no trabalho doméstico e outras atividades econômicas informais e autônomas, experimentavam diariamente as dificuldades de habitar o espaço moderno, de limites indeterminados e escalas impraticáveis do ponto de vista do pedestre. As maiores reclamações se referiam à distância a ser percorrida entre pontos de interesse – comércio, escola e outras funções cotidianas – e a homogeneidade espacial que tornava confusa a percepção de localização dentro do conjunto. Também incomodava aos moradores os constrangimentos cotidianos e a sensação de insegurança, causados pela falta de privacidade e pela dificuldade em restringir o acesso público a áreas íntimas, sobretudo nos térreos dos edifícios.

A demanda por privacidade e controle de acessos gerou, em pouco tempo de ocupação, a transformação espacial mais notável nos edifícios do conjunto. Sem qualquer debate arquitetônico-urbanístico ou reflexão técnica criativa e inventiva, guiados apenas pela mimese do que o mercado imobiliário praticava, os moradores da COHAB recorreram à reorganização dos blocos de edifícios em condomínios murados e fechados por portarias. Os muros impediram a passagem pública entre edifícios e cercaram os bolsões de estacionamento dentro dos seus limites.



[Figura 42: Muro e portaria de condomínio de edifícios em Itaquera I, 2022.]

Foi necessário, no entanto, criar vielas por dentro das superquadras originais, entre os muros dos condomínios criados, a fim de não aumentar as distâncias percorridas ao restringir completamente a circulação intra-quadra. Pela ausência de uma elaboração técnica – bem como pela restrição de recursos financeiros –, as vielas rapidamente se tornaram problemáticas para a circulação, sobretudo à noite, pela sua insalubridade e insegurança para o pedestre. São passagens estreitas, mal pavimentadas e com dificuldades de manutenção, entre altos muros hostis; acabaram se tornando espaços abandonados e de difícil aproveitamento pela comunidade.



[Figura 43: Foto de viela entre condomínios em Itaquera I, 2022.]

As amplas distâncias entre os edifícios e as dimensões generosas das superquadras, aspectos valorizados pela equipe técnica do projeto da COHAB Itaquera I, se provaram os desafios de primeira ordem à apropriação do espaço do conjunto pelos seus ocupantes e protagonizaram as primeiras disputas entre o desejo dos moradores por reorganizar este espaço e a obstinação da Companhia Metropolitana de Habitação por manter o partido urbanístico original. Atualmente, todos os edifícios se encontram incorporados a condomínios de acesso controlado.

A mesma necessidade de expressar com clareza os limites entre o espaço público da comunidade e o domínio privado do morador transformou o aspecto arquitetônico das casas da COHAB. Por se tratarem de ações isoladas e individuais,

de âmbito técnico-construtivo muito acessível à mão de obra não-especializada do morador, as reconfigurações nas casas unifamiliares foram muito mais intensas e radicais do que as ocorridas nos edifícios. Como previa a COHAB ao entregar seus “embriões”, estes ganharam acréscimos variados - muito além do muro ou gradil necessário para restrição de acesso. Também neste caso, sem uma assessoria técnica e sem o apoio da COHAB-SP no processo de ampliação e reforma das casas, os moradores repetiam a prática tradicional da autoconstrução sobre o embrião industrialmente construído em série. A forma arquitetônica geral produzida ao fim das primeiras intervenções foi resultado das condições financeiras do morador, buscando, neste primeiro momento, demarcar os limites do lote e ganhar espaço interno para adequar a residência às necessidades particulares de cada família.



[Figura 44: Foto de casas térreas parcialmente reformadas em Itaquera I, onde é possível ver resquícios do telhado original, 2022.]

Outra necessidade evidente que os moradores logo trataram de resolver foi a ausência de comércio e serviços dentro do conjunto. O projeto original previa exclusivamente usos residenciais na COHAB I, fazendo com que os moradores percorressem grandes distâncias diariamente para acessar comércios básicos como padarias, farmácias ou mercados. Até o surgimento de estabelecimentos comerciais regulares em terrenos restantes do conjunto, as pequenas lojas começaram a

funcionar junto aos muros recém-construídos dos condomínios e aos bolsões de estacionamento externos.



[Figura 45: Borracharia e bar instalados nos espaços irregulares de Itaquera I, 1993.]



[Figura 46: Lojas diversas ocupam espaços irregulares em Itaquera I, 2022.]

Ao final dos anos 90, o conjunto COHAB Itaquera I já se encontrava muito diferente das condições em que foi entregue na ocasião da sua inauguração. Os ocupantes já haviam encontrado soluções para alguns dos problemas da época: organizar acessos, delimitar a distinção entre os espaços públicos e privados, ampliar o espaço de suas casas e abrigar suas atividades de trabalho, comércio e serviços. O início do século XX, contudo, trouxe novas condições à sociedade brasileira e a COHAB I e seus habitantes foram incluídos neste processo. As reivindicações comunitárias que antes visavam conquistas básicas – equipamento público, infraestrutura, privacidade – deram lugar a uma busca por diferenciação social, garagens para automóveis particulares e consumo de médio padrão.

As reformas e reconfigurações nas casas de Itaquera I progrediram e se intensificaram, chegando maioria delas a se tornarem sobrados e, em alguns casos mais extremos, a construção de um terceiro pavimento. Os quintais frontais passaram a ser cobertos – muitas vezes por um cômodo acrescido sobre ele – e fechados por portões automáticos, se convertendo em garagens, uma vez que o automóvel passou a ser comumente encontrado entre os bens das famílias em ascensão social. As calçadas nos quarteirões destinados às casas unifamiliares, como é comum ver por toda São Paulo, se tornaram uma sequência de rampas para automóveis, totalmente inadequadas ao pedestre, margeadas por portões basculantes agressivos. No geral, as alterações, na tentativa de suprir desejos e necessidades pessoais e comunitários, levaram os espaços públicos em direção a se apresentarem anti urbanos e anti sociais.



[Figura 47: Rua de casas térreas amplamente alteradas em Itaquerá I, 2022.]



[Figura 48: Casa radicalmente alterada em Itaquerá I, 2022.]

Neste segundo momento de transformações, é possível observar a escolha dos moradores por materiais, revestimentos e acabamentos mais sofisticados do ponto de vista de uma classe social em busca de uma adequação estética ao seu novo status na sociedade de consumo. Portanto, a atualização destes elementos, seguindo padrões explorados pelo mercado imobiliário, também responde a critérios de diferenciação social. No caso dos edifícios, neste mesmo momento, não foi diferente. Possuir muros, jardins, portarias e elementos decorativos alinhados às tendências de consumo da classe média é sinal de ascensão social e econômica, sobretudo no contexto econômico brasileiro dos anos 2000, cujo destaque cabe ao acesso das classes mais baixas ao consumo anteriormente restrito às camadas médias e altas. Da mesma forma, a ausência ou a má conservação destes elementos relaciona os moradores daqueles edifícios ao estigma social do conjunto habitacional.



[Figura 49: Condomínio gradeado, com ornamentações paisagísticas, em Itaqueria I, 2022.]



[Figura 50: Ornamentação paisagística no interior de condomínio de edifícios em Itaquera I, 2022.]

Também durante a década de 2000, a região de Artur Alvim e Itaquera recebeu um grande aporte de investimentos públicos e privados em equipamentos de escala metropolitana. O governo do estado de São Paulo inaugura, no ano 2000, a unidade do “Poupatempo”⁴⁴ Itaquera, projetada pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha e instalada junto à estação Itaquera do Metrô. Dados de 2020 indicam que o Poupatempo Itaquera realiza em média mais de 10 mil atendimentos por dia, o que nos proporciona uma noção da importância deste equipamento na metrópole.

No campo dos investimentos em áreas sociais, foram inauguradas duas instituições de formação técnica-profissional: a FATEC Itaquera e a ETEC Itaquera II⁴⁵, ambas de responsabilidade do governo estadual. Tal investimento público exemplifica a transformação do perfil social dos moradores da região. Houve uma intenção coordenada em forma de política pública de aumentar a qualificação geral

⁴⁴ Equipamento que concentra diversos serviços públicos de cidadania, registros e documentos

⁴⁵ FATEC: Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo
ETEC: Escola Técnica Estadual

da classe trabalhadora com formação técnica e universitária, a fim de formar mão de obra especializada, em especial no setor tecnológico.

Associado ao complexo Metrô-Poupatempo, foi inaugurado em 2007 o Shopping Metrô Itaquera, que desde então já foi ampliado e - também para fins de demonstração da escala de sua operação - contém uma loja de uma rede Fast Food que, sozinha, atende uma média de 6 mil clientes por dia⁴⁶. O shopping center de Itaquera representa o mercado de consumo imenso existente na periferia da Zona Leste paulistana a partir dos anos 2000, uma chamada “classe C” que movimenta quantidades enormes de dinheiro e atrai todo tipo de mercado, inclusive o mercado imobiliário.

É importante ressaltar que, no ano de 2004, a prefeitura de São Paulo - sob gestão de Marta Suplicy - inaugurou o Bilhete Único municipal, que permite ao usuário deslocar-se pelo sistema de transporte público da cidade com custo reduzido. O Bilhete Único pode ser entendido como uma importante abertura nas estruturas de segregação que - como expresso pela cultura RAP desde os anos 90 - dividia “centro” e “periferia” com um abismo socioeconômico. Este papel das políticas de democratização do transporte público é de fundamental compreensão para abordarmos o momento seguinte desta abordagem histórica.

É no Shopping Metrô Itaquera que se inauguram os movimentos de jovens da periferia que se popularizaram sob o nome de “rolezinhos”, em 2013. Os rolezinhos consistiam em encontros marcados através das redes sociais por jovens das periferias paulistanas, com o objetivo de transformar os shopping centers em espaços de lazer e ócio. Esses movimentos podem ser entendidos em primeiro lugar como reações - ainda que subconscientes e despolitizadas - à ausência de espaços livres de qualidade para convivência pública nos bairros periféricos. Em segundo lugar, são questionamentos ao shopping center como espaço exclusivamente de consumo, que impõem uma segregação social mais do que física. Em ambos os aspectos, os rolezinhos tencionaram a relação da comunidade periférica com as

⁴⁶ Dib, Nicole. “Sete coisas que você não sabia sobre o Shopping Metrô Itaquera”. *Veja São Paulo*. 1 de Julho de 2017.

classes médias, antes usuárias exclusivas do shopping center como espaço coletivo de socialização e desacostumadas a compartilhar espaços democraticamente⁴⁷.

Os rolezinhos apresentaram à sociedade paulistana uma juventude de origem periférica interessada em apropriar-se do espaço público pelas suas próprias lógicas enquanto grupo socialmente e culturalmente integrado à lógica da sociedade de massas. O desejo desta juventude em se inserir no sistema de consumo massificado – muito mais do que em questioná-lo de um ponto de vista crítico – substituiu, em partes, da cultura do hip hop pela cultura do “funk ostentação”⁴⁸ Dentro da COHAB Itaquera I, acompanhando movimento semelhante nos bairros vizinhos, essa apropriação se refletiu no surgimento acelerado de estabelecimentos relacionados ao lazer e à vida noturna. Como comércio auxiliar, vinculado aos fluxos – festas públicas de música funk realizadas nas ruas –, as adegas fornecem bebidas aos frequentadores e as tabacarias popularizaram o uso do narguilé⁴⁹, que atualmente estão presentes até mesmo à luz do dia em reuniões de pequenos grupos em praças, calçadas e quintais.



⁴⁷ (MEDRANO; RECAMAN, 2018)

⁴⁸ Gênero musical popular com letras enfocadas na ascensão social pelo consumo e pela ostentação de bens materiais, característico das periferias brasileiras do século XXI

⁴⁹ Instrumento de origem árabe para fumar, possível de ser compartilhado concomitantemente por um grupo de fumantes

[Figura 51: Adega ocupa sobra de terreno irregular em Itaquera I, 2022.]

A pixação e o grafite também marcam o conjunto na última década. A produção dos grafites é majoritariamente temática e literal, fugindo de composições abstratas. Muitas vezes o grafite é também propagandístico, contratado pelo comércio local ou pelas associações comunitárias. A presença dos clubes amadores esportivos – sobretudo futebol e futsal – está frequentemente expressa na paisagem, com escudos e dizeres nos muros, além das camisas destes clubes que podem ser encontradas vez ou outra pelas ruas. Valem destaques dois murais de grafite do conjunto: o mural do Santa Rita Futebol Clube, em homenagem ao rapper Rincon Sapiência, e a série grafitada nas empenas de um grupo de edifícios em ocasião da realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014.



[Figura 52: mural de grafite de Rodrigo Telles homenageia o rapper Rincon Sapiência em Itaquera I, 2020.]



[Figura 53: Grafite temático do Mundial FIFA 2014 nas empenas dos edifícios em Itaquera I, 2014.]

Como é próprio dos grafites, artes urbanas efêmeras, a série da Copa do Mundo não existe mais atualmente naquelas empenas. No entanto, o evento deixou legados permanentes na COHAB 1 e no seu entorno imediato. Juntamente com o Mundial da FIFA⁵⁰, chegou à região uma nova onda de intervenções – em especial em acessos e passagens – que deram ao conjunto algumas novas configurações e situações espaciais. Entre as obras, a construção mais notável foi a Arena Corinthians – atualmente nomeada Neo Química Arena –, estádio construído para a abertura do Mundial de 2014 e posteriormente destinada a receber os jogos do Sport Club Corinthians Paulista. Desde a década de 1970, o então presidente do clube, Vicente Matheus, defendia a construção do estádio naquele terreno, com projeto encomendado ao arquiteto Ícaro de Castro Melo. O estádio, contudo, só foi construído 3 décadas mais tarde, com um projeto arquitetônico muito distinto; não mais o estádio para 200 mil torcedores, mas sim uma arena moderna para quase 50 mil espectadores. Diferentemente da maioria dos outros estádios construídos

⁵⁰ Federação Internacional de Futebol Associado, órgão que rege a prática do futebol a nível mundial, inclusive organizando as edições da Copa do Mundo

segundo o “planejamento estratégico” da realização do evento, a Arena Corinthians continua sendo frequentemente utilizada em sua capacidade máxima, por ser a “casa” de um dos grandes clubes de futebol da cidade.

Para dar acesso ao estádio isolado entre viadutos e alças, foram inauguradas passarelas, calçadas e escadarias circundando ou cruzando a agressiva infraestrutura rodoviária do entorno. Uma destas passarelas em específico usa o conjunto como ponto intermediário, após cruzar por cima a Radial Leste e antes de se tornar um calçadão em direção ao novo estádio, criando uma nova entrada para a COHAB I, servindo quem chega pelo outro lado da avenida. Esta nova entrada, no entanto, não conta com qualquer projeto paisagístico ou urbanístico e, pouco depois após sua inauguração, já parece - e está - abandonada e degradada, sendo pouco convidativa ou atrativa aos frequentadores e visitantes. Não há mobiliário que possibilite a permanência no local, nem vegetação de valor contemplativo ou que proveja sombra e abrigo. As áreas de gramado ou foram destruídas pela circulação ou o gramado tomou proporções descontroladas por falta de manutenção. Na chegada ao nível da COHAB, a passarela tem um portão que causa estranheza ao visitante ocasional, confundindo-o sobre o caráter e a acessibilidade deste espaço.



[Figura 54: Foto da passarela nova de acesso ao conjunto Itaquera I, 2022.]



[Figura 55: Aspecto da entrada ao conjunto proporcionada pela passarela nova, 2022.]

Ao fim, vemos que a COHAB Itaquera I e os seus habitantes buscaram, por meio das transformações realizadas no conjunto que receberam da COHAB-SP, adequar a racionalidade rígida do modernismo tardio periférico às suas necessidades cotidianas e desejos enquanto comunidade, em constante conflito e contradição. As dinâmicas de apropriação espacial observadas atuam em ambiguidade: almejam intensificar o caráter urbano deste espaço - promover urbanidade, ainda que sem urbanismo - e ao mesmo tempo recorrem, pela imitação, às formas arquitetônicas e urbanísticas praticadas pela cidade tradicional. No atual momento de crise urbana, esta mimese, implica em modelos espaciais exclusivos, murados anti-urbanos. Contraditoriamente COHAB I se movimenta em direção a uma urbanidade dinâmica, pela expressão dos aspectos práticos criativos da vida na cidade, e ,ao mesmo tempo, a um isolamento anti-social, pela reprodução acrítica da busca por valorização e proteção.

3.2. CIUDAD KENNEDY E SUAS TRANSFORMAÇÕES

As transformações na ordem social colombiana – de ordem nacional –, bem como o desenvolvimento da ocupação de Ciudad Kennedy ao longo dos anos – de ordem local –, alteraram em grande medida o conjunto em suas dinâmicas sociais e suas configurações espaciais. Da mesma maneira como ocorreu com os moradores de Itaquera I, os ocupantes de Kennedy trataram de adaptar suas casas, ruas e praças às suas necessidades; necessidades que, da mesma forma, se modificam ao longo do tempo de ocupação.

Pela disponibilidade de área desocupada no lote e pela simplicidade técnica das alterações, as casas térreas – também em Ciudad Kennedy – foram as principais afetadas por reformas e reconfigurações ao longo do tempo. No entanto, diferentemente do caso paulistano, as intervenções nas construções não alteraram tão radicalmente o caráter original das ruas. Ainda que os iniciais recuos das entradas tenham sido abolidos em nome do maior aproveitamento de espaço, a proximidade da fachada com a via pública mantém a ideia de uma rua habitada, na qual a vida doméstica se faz presente pela relação íntima com as portas e janelas. A necessária transição intermediária entre a rua, pública, e a casa, privada, se deu – em muitos casos – não por muros ou portões hostis mas sim pela ocupação da calçada com pequenos e aprazíveis quintais, delimitados por cercas baixas, onde não cabe mais do que alguns vasos.



[Figura 56: Foto das fachadas de duas casas vizinhas parcialmente alteradas em Ciudad Kennedy, 2021.]

Há também casos onde as alterações foram mais radicais, aparentando até mesmo ter a casa original sido demolida e uma nova edificação construída no mesmo lote. Ainda assim, as construções buscam alguma qualidade arquitetônica que expresse, na sua interface com a rua, uma relação de integração harmoniosa. Tal observação sugere que existam, além do interesse do projeto original pela qualidade urbanística da rua, componentes culturais de valorização do espaço público através do volume arquitetônico construído.



[Figura 57: Casa radicalmente alterada em Ciudad Kennedy, 2021.]

Nas intervenções que consistem em ocupar o espaço das calçadas para construir garagens cobertas para automóveis particulares, aparecem portões e muros. Nestes casos, fica evidente a importância que o projeto original deu ao desenho dos espaços livres no interior das *supermanzanas*. A presença de espaços abertos - mesmo quando são apenas bolsões de estacionamento - e o desenho das ruas - que limita a uma escala adequada seus comprimentos - evita que a

urbanidade precária gerada pela intervenção espontânea dos moradores se generalize em grandes extensões.



[Figura 58: Rua e bolsão habitados por casas parcialmente alteradas em Ciudad Kennedy, 2021.]

Quanto às vielas peatonais projetadas, o sucesso ou o fracasso em criar um espaço livre de boa qualidade urbana – ainda que em pequenas dimensões –, parece depender quase que integralmente da atenção e da forma de apropriação que a comunidade dá a estes espaços. Enquanto que não há muito a dizer sobre o projeto original para estas passagens, tratando-se de simples traçado e posicionamento, atualmente é possível encontrar vielas de pedestres em situações e condições muito variadas. A observação dos muitos casos indica que a presença de acessos às edificações voltados à viela, canteiros ajardinados e edificações em bom estado de conservação são fatores que melhoram a qualidade urbanística destes locais; a ausência destes componentes acaba fazendo destas passagens espaços indeterminados, vazios urbanos pouco atrativos.



[Figuras 59, 60, 61 e 62: vielas peatonais em diversos estados de conservação e situações urbanas em Ciudad Kennedy, 2021.]

Em desacordo com as expectativas do planejamento urbano de Bogotá, a *localidad*⁵¹ Kennedy desenvolveu ao longo das décadas a sua própria centralidade comercial, geradora de empregos e renda para a população da região sul-ocidental da cidade. Os estabelecimentos originalmente destinados pelo projeto do ICT para comércios e serviços não foram suficientes para suprir a demanda de uma região densamente povoada e economicamente ascendente. Em fenômeno paralelo ao ocorrido no caso paulistano, Ciudad Kennedy e seus arredores passaram a abrigar um grande mercado consumidor e demandar cada vez mais estabelecimentos do setor terciário. Nas principais avenidas do conjunto, incluindo os bolsões de estacionamento, o aporte de investimento em lojas, oficinas e escritórios trouxe à paisagem urbana local uma arquitetura comercial popular muito afastada da dita arquitetura “erudita” e do modernismo refinado dos arquitetos do ICT. As galerias comerciais construídas destoam consideravelmente do restante do conjunto, sobretudo em termos de materialidade e gabarito.



[Figura 63: Galerias comerciais ocupam avenidas e bolsões em Ciudad Kennedy, 2021.]

⁵¹ Divisão administrativa de Bogotá, semelhante a uma Prefeitura Regional em São Paulo.



[Figura 64: Arquitetura comercial popular se destaca na paisagem urbana de Ciudad Kennedy, 2021.]

Os espaços destinados pelo projeto aos usos comerciais prosperaram bem de acordo com o que previa o planejamento do ICT. Também nos térreos de edifícios projetados e construídos posteriormente – por outros agentes – se encontram lojas, agências, bares e oficinas funcionando plenamente, atendendo o cotidiano de moradores e frequentadores do conjunto – ainda que a atratividade desses estabelecimentos, na maioria dos casos, não tenha alcance para muito além dos limites de Ciudad Kennedy.



[Figuras 65 e 66: O comércio local consolidado nas avenidas principais de Ciudad Kennedy, 2021.]



[Figura 67: Bares e restaurantes nos térreos de edifícios residenciais avançam sobre as calçadas e reconfiguram a relação com o espaço público em Ciudad Kennedy, 2021.]

Nos edifícios e em suas *supermanzanas*, as transformações foram pontuais e discretas, em comparação ao ocorrido nas casas e no comércio. É importante ressaltar que, após as obras de urbanização do ICT, outros órgãos implementaram nos arredores do conjunto original outros projetos de habitação coletiva, de interesse social ou direcionados a entidades de classe, seguindo – contudo – padrões muito similares aos dos edifícios do ICT quanto ao gabarito, a implantação em superquadras e o aspecto de materialidade e fachadas.

Em geral, as transformações nas *supermanzanas* de edifícios consiste na implementação de grades ao redor. Assim como em Itaquera I, os moradores de Ciudad Kennedy se depararam também com dificuldades de organização do espaço causadas pelo acesso irrestrito do interior das *supermanzanas*. Diferentemente do ocorrido em São Paulo, contudo, o cercamento se deu por grades de alta transparência visual. As grades, ademais, não fecham completamente o acesso aos

espaços intra-quadra, deixando a passagem livre pelos bolsões de estacionamento adjacentes. Se trata mais de uma organização do que de uma restrição de acessos. A integração visual e ambiental desde a rua permanece quase inalterada pelas grades.



[Figura 68: Bolsão de estacionamento nos espaços intra-quadra em Ciudad Kennedy, 2021.]



[Figura 69: Bolsão de estacionamento, em rua sem saída, dá acesso aos espaços livres ajardinados no interior das *supermanzanas* em Ciudad Kennedy, 2021.]



[Figura 70: Gradis controlam o acesso direto às entradas dos edifícios residenciais em Ciudad Kennedy, 2021.]

Nos espaços intra-quadra dos edifícios, acréscimos foram realizados pelos moradores – organizados como vizinhança –, como a instalação de brinquedos infantis e de ornamentações paisagísticas. Como veremos ao tratar dos espaços livres e equipamentos, as áreas originalmente descritas como “jardins infantis” acabaram se desenvolvendo em outro sentido. Presumivelmente a comunidade de Kennedy considerou o programa de lazer infantil mais adequado às proximidades imediatas dos edifícios, por se tratar de um espaço para crianças pequenas, dependentes do monitoramento próximo e constante de responsáveis.



[Figuras 71 e 72: Brinquedos infantis e jardins arborizados complementam os programas intra-quadra em Ciudad Kennedy, 2021.]

Os espaços livres do conjunto urbano de Ciudad Kennedy seguiram o uso planejado no projeto original, exceção aplicada aos “jardins infantis” que, como vimos, tiveram seus programas readequados pelos moradores e se consolidaram, na prática, como locais de lazer esportivo e convivência comunitária. Os jardins e praças enfrentam problemas de manutenção e zeladoria – acúmulo de lixo e

gramados sem corte -, como é típico das periferias latinoamericanas, que a comunidade organizada, por si só, parece incapaz de solucionar. No caso dos bolsões de estacionamento, são locais intensamente utilizados em sua função original, graças à vida urbana intensa do conjunto. Além disso, em muitos casos, os bolsões não estão conectados a ruas sem saída - como cul-de-sac - mas sim se ampliam na interseção de duas vias, se tornando amplos espaços abertos que, além de organizarem o trânsito, diversificam a paisagem urbana.



[Figura 73: Praça típica em Ciudad Kennedy, 2021.]



[Figura 74: Bolsão de estacionamento funciona como amortecimento de tráfego na interseção de duas ruas em Ciudad Kennedy, 2021.]

Os equipamentos públicos foram projetos posteriores ao conjunto urbano, desenvolvidos por outros órgãos públicos, especializados em áreas sociais. A maioria deles cumpre simplesmente a sua função própria, sem notáveis projetos arquitetônicos que contribuam na composição urbana de Ciudad Kennedy. Vale destacar, contudo, o edifício do *Colégio Distrital Kennedy*, que possui uma interessante proposta arquitetônica, tornando-se uma peça relevante na paisagem urbana local, para além de um ponto de interesse da comunidade.



[Figura 75: Fachada do Colégio Distrital Kennedy, marcante ponto de referência no conjunto, 2021.]

O sentido das transformações empreendidas no conjunto bogotano se apresenta muito distinto daquele observado na COHAB Itaquera I. Em Ciudad Kennedy, há também o fator das necessidades de readequações que o exercício da vida cotidiana impõe aos moradores do conjunto. No entanto, a maneira como a comunidade – em suas diversas formas sociais, coletivas ou individuais – elabora essas intervenções responde a uma cultura de apropriação do espaço urbano notadamente diferente daquela – anti-urbana e anti-social – encontrada no caso paulistano.

Em Kennedy, a inventividade e a necessidade, que motivam reconfigurações no ambiente por parte dos seus moradores, encontram base em uma tradição de valorização do espaço público – afirmada já desde o projeto original – para produzir a forma espacial e material dessas intervenções. Ainda que espontâneas, as transformações do espaço encontram limites estabelecidos pelas diretrizes

arquitetônicas e urbanísticas determinadas ainda no projeto original que, de certa forma, parecem ensinar – pelo exemplo – boas práticas de produção, apropriação e reprodução do espaço.

CONCLUSÃO – A ABERTURA DE HIPÓTESES E REFLEXÕES

Após o estudo sobre as políticas habitacionais e as características operacionais dos órgãos estatais responsáveis pelos empreendimentos, da análise dos desenhos e dados que documentam os projetos e da observação dos fenômenos socioespaciais que atuaram nas suas transformações, é possível notar que – a despeito de inúmeras semelhanças contextuais nos processos – os resultados obtidos, tanto do projeto original quanto das intervenções posteriores, são distintos.

No que se refere à política habitacional praticada na Colômbia e no Brasil na segunda metade do século XX, o papel do *Instituto de Crédito Territorial* colombiano e do Banco Nacional de Habitação brasileiro são análogos, servindo como financiadores e executores da área de moradia popular e urbanização. Entrando um pouco mais a fundo na estrutura organizacional, no entanto, e sobretudo quanto às áreas técnicas de Arquitetura e Urbanismo, algumas diferenças começam a aparecer. Diferenças estas que, juntamente com outros fatores de outras ordens e origens, podem explicar a disparidade dos resultados obtidos pelas duas experiências.

Enquanto a bibliografia estudada relata e exalta o *Departamento de Diseño* do ICT, composto por profissionais advindos de programas temáticos de especialização e pós-graduação e gerido por grandes nomes da arquitetura colombiana, a COHAB-SP é descrita como “falida” e sua equipe técnica como “pequena” e sem importância, tendo pouca relevância na determinação do projeto e sendo responsável apenas por adequar às metas políticas e orçamentárias da Companhia uma implantação viável dos edifícios-tipo. É evidente como o debate econômico e político protagoniza as decisões técnicas do projeto de Itaquera I à medida que impõe como objetivo final a construção do número máximo possível de unidades construídas com o mínimo custo financeiro necessário. Quaisquer decisões de ordem técnica sobre **o quê** e **como** construir ficam em segundo plano, condicionadas a **quanto** e **por quanto** construir. Assim, é possível concluir que as diferenças dos produtos arquitetônicos e urbanísticos produzidos em Itaquera I e Ciudad Kennedy começam a obter explicações desde a observação do papel dado aos arquitetos-urbanistas dentro da prática de atuação do órgão público.

Em ambos os casos, é importante ressaltar que os conjuntos escolhidos para o estudo são emblemáticos da produção de seus órgãos gerenciadores. Itaquera I é o principal caso de sucesso e estabilidade da ocupação dentro da produção da COHAB-SP, sendo outros casos – como a COHAB Itaquera II – imensamente mais problemáticos do ponto de vista social e da forma como o conjunto se desenvolveu e se transformou ao longo do tempo. Por outro lado, Ciudad Kennedy pode ser considerado paradigmático entre os conjuntos construídos pelo ICT por se aproveitar do resultado de variadas experiências anteriores, que testaram – com maior ou menor sucesso – soluções construtivas, urbanas e arquitetônicas desenvolvidas pelos técnicos do Instituto.

É necessário, contudo, evitar idealizações quanto à forma produtiva e ao resultado espacial alcançado pelo ICT em Kennedy. Como vimos, em diversas ocasiões o projeto original do Departamento foi frontalmente contestado pela apropriação que a comunidade deu ao espaço coletivo e aos imóveis particulares. O caso dos jardins infantis exemplifica o insucesso do projeto em atender necessidades dos moradores e evidenciam até mesmo um grau de incompreensão por parte da equipe técnica acerca das dinâmicas da vida cotidiana daquela população; o mesmo se pode dizer das residências sem garagem e com seis dormitórios. Muitas das vielas peatonais refletem inclusive a incapacidade da própria comunidade em apropriar-se destes espaços e dar-lhes alguma habitabilidade e urbanidade.

Quanto à atividade comunitária na reivindicação por melhorias no espaço público, o trabalho evidencia o estágio avançado desta prática no conjunto paulistano em relação ao caso de Bogotá. Já no relato do diretor H. Cherkezian, nota-se a participação dos movimentos sociais – e até mesmo do Partido dos Trabalhadores –, engajados em causas urbanas, desde antes da construção efetiva do conjunto habitacional. Ao que parece, a cultura de luta popular por direito à cidade não se desenvolveu com tanta intensidade no contexto colombiano, uma vez que os movimentos sociais naquele país possuem, historicamente, enfoque na questão rural – ambiente no qual se desenvolveram violentos conflitos nos últimos 150 anos. O interesse por pelo desenvolvimento da vida coletiva no espaço urbano é recente na Colômbia, tendo crescido muito após a superação da violência causada

pelo narcotráfico, como mostram os casos recentes de projetos urbanos em Medellín⁵², especialmente.

Os sentidos das transformações ocorridas nos dois conjuntos, desta forma, são fortes reflexos da cultura local de apropriação urbana. Evidentemente, além de aspectos tradicionais, relacionados à prática histórica, o mercado imobiliário e movimentos disciplinares da arquitetura contemporânea também atuam na conformação destas culturas. É evidente a atuação do mercado privado nas novas formas arquitetônicas presentes em Ciudad Kennedy. Na COHAB I, restritas às residências unifamiliares, estas tendências formais – desenvolvidas fora do círculo acadêmico da disciplina – aparecem em menor quantidade, ainda que com igual intensidade.

De maneira ideológica, a busca insaciável por segurança e exclusividade das elites econômicas brasileiras – cada vez mais enclausuradas em condomínios-clubes fechados – se reflete nas classes médias urbanas das metrópoles brasileiras. A população da COHAB I não foge ao fenômeno e, nos últimos anos, é notável o progressivo surgimento de portões, muros e câmeras de monitoramento que alimenta a sensação de insegurança e sufoca noções de urbanidade e apropriação democrática do espaço público. Em Bogotá, tal fenômeno parece atenuado em comparação à intensidade com a qual se desenvolve em São Paulo.

Assim sendo, após algumas conclusões possibilitadas pelo desenvolvimento desta pesquisa, abrem-se muitas outras possibilidades de questionamentos, reflexões e hipóteses. A discussão sobre formas de apropriação do espaço urbano se apresenta múltipla e constantemente suscetível a novas interpretações, vieses e abordagens. Este trabalho foi importante neste sentido para abrir um debate sobre transformações urbanas no espaço público geradas pela apropriação comunitárias, bem como para registrar e levantar informações sobre história, projeto e atualidade de dois conjuntos urbanos pouco estudados e debatidos na academia, dada a sua distância conceitual daquilo que se poderia chamar de casos paradigmáticos da arquitetura moderna brasileira e latinoamericana.

⁵² (WILDEROM, 2019)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMIANI, A. L. **A Cidade (des)Ordenada: Conceção e Cotidiano do Conjunto Habitacional Itaquerá I.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.

DE OLIVEIRA, F. **A economia brasileira: Crítica à Razão Dualista.** [s.l.: s.n.].

DEL CASTILLO, J. C. Bogotá años 50. El inicio de la metrópoli. **Cuadernos de Urbanismo y Arquitectura**, 2008.

DOMINGUES, C. **Da Vila Barros ao Edifício Japurá: quando o Moderno bate à porta São Paulo, 1920-1950.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

FAJARDO, C. **Colômbia y su interminable paternalismo feudal.** 2016.

FIORI ARANTES, O. B. **Urbanismo em Fim de Linha.** São Paulo: EdUSP, 1998.

FRISHBERG, F. **The Failed Paradise: Pruitt-Igoe.** *Atlas Obscura*, 26 nov. 2013.

FURTADO, C. **Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

GODDARD, J.-L. **Duas ou três coisas que eu sei dela.** , 1967.

GOOSSENS, M.; GÓMEZ MENESES, J. E. Experimentos en Vivienda Estatal. La Obra del Instituto de Crédito Territorial en Bogotá, 1964-1973. **Revista INVI**, nº84, p. 27, Agosto 2015.

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.

IMPÉRIO, L. **Bogotá. Trajetos da modernidade.** São Paulo: Escola da Cidade, 2013.

KOPP, A. **Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa.** São Paulo: Nobel EdUSP, 1990.

LEFEBVRE, H. **L’habitat pavillonnaire.** Paris: Centre de Recherche de l’Urbanisme, 1965.

LEFEBVRE, H. **Introdução à Modernidade.** [s.l.: s.n.].

LIMA DE TOLEDO, B. **São Paulo: três cidades em um século.** [s.l.: s.n.].

LÓPEZ, J. F. Características económicas de Bogotá. Em: **Vivir en Bogotá.** 1ª ed. [s.l.] Ediciones Foro Nacional, 1990. p. 333.

ORTIZ, F.; VIEYRA, A.; OROZCO, C. Narrativas sobre el lugar. Habitar una vivienda de interés social en la periferia urbana. **Revista INVI**, nº84, v. 30, p. 27, Agosto 2015.

População Cohabense. . São Paulo, SP: COHAB-SP, 1969.

RAMALHOSO, W. Destino Itaquera: o metrô rumo aos conjuntos habitacionais da COHAB-SP. São Carlos: Universidade de São Paulo, 2013.

RECAMAN, L.; KERBER, L.; CAZULA, L. Dinâmicas socioespaciales en el Complejo Habitacional Artur Alvim-SP. 2022.

TAFURI, M. Projecto e Utopia. Lisboa: Presença, 1985.

TORRES LEÓN, A. C. Consolidación de una centralidad urbana espontánea. El caso de Ciudad Kennedy, Bogotá. Revista Ciudades, Estados y Políticas, 2019.

VILLA. Reflexiones sobre los procesos migratorios y su incidencia en los humedales de Bogotá D.C. durante la segunda mitad del siglo XX. [s.d.].

WILDEROM, M. Arquitetura para cidades na América Latina contemporânea: distâncias e aproximações entre São Paulo e Medellín. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Historiador Márcio Reis,
acessada em:
facebook.com/memoriasdacohabitauera1/

Figura 02 - Publicada pela Revista
Cronos, acessada em:
archdaily.com.br/

Figura 03 - Publicada em:
saopauloinfoco.com.br/

Figura 04 - geoportal.com.br/

Figura 05 e 06 - Acervo de Projetos da
FAU USP

Figura 07 - Fonte: Sol Laurindo

Figura 08 - Acervo de Projetos da FAU
USP

Figura 09 - Fonte: acervo pessoal
Lucas Cazula

Figura 10 - Fonte: Sol Laurindo

Figura 11 a 18 - Acervo de Projetos da
FAU USP

Figura 19 - Fonte: Sol Laurindo

Figura 20 - Acervo de Projetos da FAU
USP

Figura 21 - Fonte: Sol Laurindo

Figura 22 - Revista Escala, nº4

Figura 23 - Fonte: Four Points Bogotá

Figura 24 a 27 - Revista Escala, nº4

Figura 28 - Foto: Allen Morrison,
acessada em: archdaily.com.br/

Figura 29 a 31 - Revista Escala, nº 7

Figura 32 - Fonte: Felipe Cardona,
acessada em: archdaily.com.br/

Figura 33 - Fonte: Arquivo Histórico
USAID, acessada em:
archdaily.com.br/

Figura 34 a 37 - Revista Escala, nº 7

Figura 38 - Fonte: Historia Bogotana

Figura 39 - Publicada em:
saopauloinfoco.com.br/

Figura 40 - Fonte: Blog Memórias em
Palavras

Figura 41 -Fonte: Página Luta Pela
Preservação da Pracinha na COHAB I

Figura 42 a 44 - Foto: Lucas Cazula

Figura 45 - Fonte: Amélia Damiani

Figura 46 a 51 - Foto: Lucas Cazula

Figura 52 - Fonte: kondzilla.com

Figura 53 - Foto: Sergio Gandolphi

Figura 54 - Foto: Lucas Cazula

Figura 55 - Foto: Lucas Cazula

Figura 56 a 68 - Foto: Lucas Cazula

Figura 69 - Fonte: Google Street View

Figura 70 a 75 - Foto: Lucas Cazula